

Braga, Marcos da Costa; "Renovações, Crises e Mudanças", p. 203-260 .
In: Braga, Marcos da Costa. ABDI e APDINS-RJ, 2ª edição. São Paulo:
Blucher, 2016. ISBN: 9788580390346
Disponível em <http://openaccess.blucher.com.br/article-details/19734>

4

CAPÍTULO

RENOVAÇÕES, CRISES E MUDANÇAS

4.1 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

4.1.1 A GESTÃO DE 1983/1985

4.1.1.1 A GESTÃO DE MARÇO DE 1983 A ABRIL DE 1984

Da Diretoria de 1981/1983, apenas Nilson Santos e Anamaria de Moraes decidiram continuar em cargos da APDINS-RJ. Anamaria de Moraes explica que a motivação para continuar foi “tentar ver se a gente conseguia levar adiante o trabalho que tinha sido começado”.¹ Ou seja, o fortalecimento da Associação por meio da ênfase nas atividades de formação, divulgação, debates e discussões sobre o mercado de trabalho. Em torno deles foi montada uma chapa com “profissionais recém saídos da universidade” e outros já conhecidos.² A maioria da Diretoria continuava sendo oriunda da ESDI.

O grupo oriundo da PUC da Diretoria anterior saiu deixando apenas uma pessoa recém-formada na PUC: Fabienne Alverga-Wyler. As duas pessoas formadas pela UFRJ haviam tido contatos anteriores com Anamaria de Moraes.³ Pela primeira vez a Diretoria da APDINS-RJ iria contar com a presença de um desenhista industrial formado fora da cidade do Rio de Janeiro. Júlio Van der Linden se formou na UFPE e conheceu os diretores cariocas da gestão de 1981/1983 durante a realização do 2º ENDI. Júlio atuava na APDINS-PE e, segundo Eliana Formiga, veio para o Rio de Janeiro se casar, quando Anamaria de Moraes o convida para a chapa.⁴

No mais, a Diretoria foi composta com profissionais oriundos da ESDI, a partir da cadeia de relações pessoais e profissionais com os articuladores das gestões anteriores da APDINS-RJ e do grupo de pessoas que auxiliava a Diretoria de 1981/1983 (Figura 4.1).⁵

A nova Diretoria é eleita em 29 de março de 1983 em assembleia realizada na PUC-Rio, da qual “participaram 60 dos 250 associados”.⁶

Também, pela primeira vez, a Diretoria compunha os cargos do Conselho Consultivo, previstos na fundação da Associação, em 1978. Os cinco cargos pos-

1 Entrevista realizada com Anamaria de Moraes, em 24 de novembro de 2002, na cidade do Rio de Janeiro, com 2 horas de duração.

2 JORNAL DA APDINS-RJ. Rio de Janeiro: APDINS-RJ, n. 8, maio de 1983. p. 2.

3 Ana Maria Cuiabano trabalhava com Anamaria de Moraes no INT, na época da formação da chapa da APDINS. Maria Isabel Luz conheceu Anamaria quando ambas cursavam o mestrado na COPPE/UFRJ. Entrevista realizada com Anamaria de Moraes. *Op.Cit.* 2002.

4 Entrevista com Eliana Formiga, em 16 de dezembro de 2002, na cidade do Rio de Janeiro, com 1 hora de duração.

5 Luiz Carlos Agner auxiliava os trabalhos da APDINS da gestão anterior a 1981 e, em 1982, tinha se formado na ESDI, mesmo ano de conclusão de curso de Isabela Perrota, Lígia Maria Sampaio e Dóris Kosminsky. Todos recém-formados em 1982, na ESDI, e membros da chapa para a diretoria da APDINS-RJ para o biênio de 1983/1985. Cyntia Malaguti tinha se formado na ESDI em 1980, na turma de Nilson Santos e Anamaria de Moraes. Cf. Relação de formandos da ESDI, disponível no *site*: www.esdi.uerj.br acessado em 5 de julho de 2001.

6 JORNAL DA APDINS-RJ, n. 8. *Op.Cit.* 1983. p. 2.

suíam atribuições especiais definidas e contavam com ‘veteranos’ e ‘novatos’ na APDINS-RJ: Lígia Maria Sampaio e Júlio Van der Linden, regulamentação da profissão; Valéria London e Joaquim Redig, relações com a ALADI; Cândido José F. de Carvalho, ensino e currículo. Da mesma forma, o Conselho Fiscal trazia atribuições específicas para os seus três membros: Henrique Antoun, ensino e currículo; Elio Grossman e Cyntia Malaguti, relações com a comunidade.⁷

A presidência era de Anamaria de Moraes e os diretores: Diretoria Administrativa: Fabienne Alverga-Wyler e Maria Izabel Soares Luz; Diretoria Financeira: Nilson Luiz Santos da Silva e Ana Maria Cuiabano; Diretoria Cultural: Isabella Perrota e Denise Edelman; Diretoria de Informação: Luiz Carlos Agner Caldas e Dóris Kosminsky. A suplência tinha sido eliminada dentro da premissa de “trabalhar de forma democrática e coletiva”.⁸

As reuniões de Diretoria continuaram a ser realizadas na sede da Rua Bambina, que agora conta com o trabalho de um secretário.

O entusiasmo da nova Diretoria aparece estampado na foto de capa do jornal da Associação, que anuncia a eleição da chapa. É esse entusiasmo que leva a Diretoria a abarcar várias frentes de atividades, mas sem deixar de apontar algumas prioridades. As atribuições específicas dos Conselhos da Diretoria já demonstravam algumas dessas prioridades. As relações com a comunidade integravam as ações de divulgação e a conscientização sobre a profissão junto a entidades governamentais e “setores organizados da sociedade”.⁹ Eram parte da estratégia de reconhecimento social da profissão, que incluía a luta pela regulamentação da profissão.

7 Carta aos associados apresentando a formação da chapa da gestão 1983/1985. Sem data. 1 página datilografada.

8 *Id.Ibid.*

9 JORNAL DA APDINS-RJ, n. 8. *Op.Cit.* 1983. p. 2.

É hora de renovar

MARCOS (SECRETÁRIO DE FE)
 MARIA ISABEL LUIZ
 GÍNTIA MALAGUTI
 ELIO GROSSMAN
 Fabríena Lamy
 FABRIENE ALBERGA-WYLER
 DORIS KOEIMINSKY
 VALÉRIA MUNK LONDON
 UÍSQUE ESCOCÊS
 LUIZ CARLOS AGNER
 ANAMARIA DE MORAES
 ANA MARIA GUIABANO
 JOAQUIM REDIG
 HENRIQUE ANTON
 JULIO CARLOS VAN DER LINDEN
 LISIA SAMPAIO DE MEDEIROS
 DENISE EDELMAN
 contos a pagar
 caneta Strongher 0.2mm

apdins / rj

jornal da n.º 8 - maio de 1983
 associação profissional dos desenhistas industriais de nível superior do rio de janeiro

O Jornal da APDINS está de cara nova: mais páginas, novo visual, mais informação. É a proposta de aproveitar este espaço para aprofundar a discussão do Desenho Industrial no Brasil.

A APDINS/RJ também está com caras novas (ao lado de outras já conhecidas) - é a sua 4ª diretoria, eleita em assembleia na PUQ, dia 29 de março, com 80 votos. Muitas idéias e muita disposição para trabalhar por uma entidade representativa e atuante, que possa nos levar ao principal objetivo, a regulamentação da profissão.

Além disso, várias outras propostas estão amadurecendo: realizar em outubro o III Encontro Nacional de Desenhistas Industriais, em Sorocaba (SP), encaminhar a questão do Currículo Mínimo, criar o Comitê Nacional de Desenhistas Profissionais, incentivar o desenvolvimento da Associação Latino-Americana (ALADI), e - UFRJ - fortalecer a APDINS através de uma campanha de filiação... Enfim, a continuidade do trabalho iniciado pelas gestões anteriores, que procuraremos desempenhar com mais eficiência e objetividade.

Achamos importante salientar que a sua participação enquanto associado - seja se unindo a nós em tarefas específicas ou simplesmente contribuindo em dia com a mensalidade, é fundamental. Só o respaldo da categoria, no plano político (isto senso) e também financeiro, confere representatividade à Associação e vitalidade suficiente à luta para abrir novas perspectivas ao desenhista de produto - programador visual.

Julgamos que, para que nosso trabalho possa ser coroado de pleno êxito, a hora deve ser de renovação. Não só na diretoria, não só nas páginas do Jornal... mas também na postura dos associados.

A DIRETORIA

Figura 4.1 Capa do Jornal da APDINS-RJ n. 8, de maio de 1983.

A formação profissional continuava nas metas da APDINS-RJ por meio dos encargos dos Conselhos e da realização de cursos por parte da Diretoria Cultural. A essa Diretoria ficou também atribuída a realização do 3º ENDI, considerada uma das principais prioridades para 1983.

A filiação de novos associados e a estabilidade contábil eram metas da Diretoria Financeira: “Dos 250 associados, 130 pagavam a mensalidade com certa regularidade e, desses, apenas 80 pontualmente”.¹⁰ O momento, portanto, não era dos piores em termos financeiros, mas requeria uma captação maior de recursos para financiar as atividades pretendidas e dar prosseguimento ao fortalecimento da Associação, com vistas a se tornar sindicato. Além das mensalidades dos sócios, pensava-se em outras fontes de renda como venda de livros e espaço para anúncio no Jornal da APDINS-RJ.

O Jornal da APDINS-RJ continuou a ser impresso gratuitamente pela gráfica ZEZ, de propriedade de José Carlos Conceição. Apenas mais três números foram produzidos. O número 8, de maio de 1983, continuou no formato A4 das edições anteriores. Os números 9 e 10, de agosto de 1983 e março de 1984, respectivamente, foram feitos em formato tablóide (Figura 4.2 e 4.3), com vistas a melhorar sua forma e com espaços para a ampliação de matérias.¹¹

Como parte da realização da plataforma de chapa, a APDINS-RJ anuncia que estava aberta à filiação de estudantes de Desenho Industrial. A Diretoria esclarecia que “a proposta já existia desde a realização do 1º ENDI e constava no programa da primeira Diretoria da Associação”.¹² No entanto, a participação não era plena. Os estudantes deveriam se fazer representar por meio de “dois delegados por escola, a partir do 5º período mediante pagamento de meia cota”.¹³ Os estudantes teriam direito a voz nas reuniões, mas não a voto.

As medidas tentavam satisfazer as ponderações dos grupos, tanto de profissionais quanto de estudantes, que eram a favor e contra essa filiação. Desde o início dos anos 1980, devido à realização dos ENDIs, nos quais a presença de estudantes tinha sido expressiva, alguns alunos dos cursos de Desenho Industrial da cidade do Rio de Janeiro vinham frequentando as reuniões da APDINS-RJ. A própria presença de recém-formados na Diretoria de 1983/1985 era fruto dessa frequência.¹⁴

10 *Id.Ibid.*

11 O projeto gráfico foi realizado por Luiz Carlos Agner e Dóris Kosminsky. Segundo Anamaria de Moraes, José Carlos Conceição chegou a reclamar do formato tabloide, pois gastava muito papel, mas patrocinou o jornal mesmo assim. Entrevista realizada com Anamaria de Moraes. *Op.Cit.* 2002.

12 JORNAL DA APDINS-RJ, n. 8. *Op.Cit.* 1983. p. 7.

13 *Id.Ibid.*

14 Três estudantes dos cursos da ESDI, Faculdade da Cidade e UFRJ apresentaram seus pontos de vista sobre a filiação de estudantes, e dois deles (da Cidade e UFRJ) declaravam que

Para aqueles que defendiam a filiação estudantil, a participação de alunos possibilitaria a futura renovação de quadros da Associação. E no entender de Maria Beatriz Afflalo Brandão (Bitiz), professora da Faculdade Silva e Souza, essa participação criaria “um vínculo maior entre os estudantes e a APDINS”.¹⁵ Porém, alertava que a Associação não era espaço “para resolver a problemática estudantil”.¹⁶



Figura 4.2 Capa do Jornal da APDINS-RJ n. 9, de agosto de 1983.

frequentavam as reuniões da APDINS-RJ. Cf. JORNAL DA APDINS-RJ, n. 8. *Op.Cit.*, p. 7.

15 *Id.Ibid.*

16 *Ibidem.*



Figura 4.3 Capa do Jornal da APDINS-RJ n. 10, de março de 1984.

E esse era justamente um dos pontos que levava outros associados da APDINS a serem contra a filiação estudantil. Luiz Fernando Gerhardt, também professor da Silva e Souza, lembrava que a APDINS era uma associação de profissionais e, por isso, os problemas a serem discutidos já estavam delimitados. No entanto, uma vez que a profissão não era regulamentada, Gerhardt defendia que aqueles estudantes que já trabalhassem no campo profissional deveriam participar da APDINS, “mas não como meio profissional, sem direito a voto”.¹⁷

A filiação de profissionais não formados, mas atuantes na área, era prevista na plataforma da chapa e considerada parte da campanha de novos sócios. Interpretamos essa última abertura a uma coerência com a situação do projeto de regulamentação que ainda não tinha sido aprovado, e que previa em seu texto o registro de profissionais que comprovassem o exercício regular da profissão, em tempo superior a cinco anos até a data da publicação da lei que regulamentasse a profissão.¹⁸ Além disso, essa captação de sócios seria parte da estratégia de fortalecimento da representatividade da Associação.

17 JORNAL DA APDINS-RJ, n. 8. *Op.Cit.* 1983. p. 7.

18 Não foram encontrados documentos que pudessem auferir quantos profissionais não diplomados em Desenho Industrial associaram-se à APDINS-RJ.

A realidade do mercado ia impondo flexibilizações às premissas de categorizar, prioritariamente, a APDINS-RJ como uma associação de profissionais diplomados em Desenho Industrial.

Os números do jornal da APDINS-RJ continuavam registrando a realização de vários concursos para a área de design. Dentre eles, destacamos o III Concurso Nacional de Desenho Industrial CNPq/CIESP, Prêmio Aloísio Magalhães, realizado em agosto e setembro de 1983; a 7ª edição do Concurso Câmara de Comércio Americana, realizada em novembro de 1983; e o Concurso de Desenho Industrial, realizado pela Associação dos Fabricantes de Móveis do Brasil – AFAM, em novembro de 1982. Observamos que todos esses concursos são para projeto de produtos, num mercado predominado pelo design gráfico.¹⁹

A preocupação com a formação profissional dava continuidade ao planejamento dos cursos, que também tinham o objetivo de angariar fundos. Segundo Anamaria de Moraes, ela e Nilson Santos eram os que mais cuidavam da organização dos cursos e dos convites a pessoas que pudessem ministrá-los. Alguns cursos se realizaram até início de 1984, mas nem todos os que tinham sido planejados. A presidente da Diretoria de 1983/1985 atribui essa situação à “falta de fôlego”, que ocorreu com a redução de diretores atuantes em fins de 1983, a qual abordaremos mais adiante. Ela informa que, entre os cursos realizados no período, estavam o de Metodologia de Projetos, com Gustavo Amarante Bomfim, e o de Computador e Desenvolvimento de Projeto, com Lílian Hess, ambos na PUC-Rio.²⁰

As notícias sobre fatos e outras instituições de design, da época, predominavam no espaço dos três jornais, e mostram que a APDINS-RJ se mantinha em comunicação com profissionais e entidades do campo do desenho industrial. Não

19 Os três concursos eram abertos a estudantes de áreas projetuais, mas só o da Câmara do Comércio Americana era exclusivo “para estudantes das escolas de Desenho Industrial do Rio de Janeiro”. Os vencedores da 7ª edição foram os alunos da Faculdade da Cidade: Lilis Borges Valadares, Marta Kimelblat e Otávia Barbosa Guimarães, com o projeto da Estação de Trabalho do Trocador de Ônibus Urbano. Cf. JORNAL DA APDINS-RJ. Rio de Janeiro: APDINS-RJ, n. 10, março de 1984. p. 2. O prêmio AFAM era aberto a estudantes de Desenho Industrial e Arquitetura, da cidade do Rio de Janeiro. O projeto vencedor foi o de um berço descartável de papelão. Cf. JORNAL DA APDINS-RJ, n. 8. *Op.Cit.* 1983. p. 8. A equipe de alunos foi formada por: Paulo Vasques Miranda, Roberto Cardinelli e Ana Cristina Vieira de Miranda, todos do curso de Design da UFRJ. O prêmio Aloísio Magalhães era aberto a estudantes de Design, Arquitetura e Engenharia e tinha como tema produtos para a construção habitacional, mas não há notícias sobre seus vencedores. JORNAL DA APDINS-RJ. Rio de Janeiro: APDINS-RJ, n. 9, agosto de 1983. p. 2.

20 Além dos cursos de curta duração, três cursos de especialização *Latu-Sensu* chegaram a ser planejados abordando o desenvolvimento de projeto, materiais e processos de fabricação e sinalização. Entrevista realizada com Anamaria de Moraes. *Op.Cit.* 2002.

há notícias sobre sindicatos ou associações de outras categorias profissionais. Quanto à conjuntura da política nacional, há apenas uma referência à Campanha das Diretas-Já na capa da edição de março de 1984.²¹

Entre as notícias mais importantes, encontramos ações do CNPq: o convênio firmado em 1983 entre CNPq e UFPB para a implantação de um laboratório de desenvolvimento de produtos, e a promoção, pelo CNPq, de um Cadastro Nacional de Desenho Industrial, que estava se iniciando em 1984, com o apoio do Departamento de Tecnologia – DETEC da FIESP, da APDINS e das escolas de Design.²²

A área de ergonomia recebia, também, atenção dos designers da Associação, já que se tratava de um dos campos de conhecimento utilizados no desenvolvimento de projetos de design. Em 31 de agosto de 1983, no auditório da Fundação Getúlio Vargas, tinha se constituído a Associação Brasileira de Ergonomia – ABERGO. Nessa assembleia, marcou-se a eleição de sua 1ª Diretoria para 30 de novembro de 1983. Entretanto, a Diretoria foi constituída em 31 de agosto, e nela encontravam-se desenhistas industriais: Anamaria de Moraes, como diretora administrativa e João Bezerra de Menezes, como diretor técnico.²³ A presidência foi ocupada por Itiro Iida.²⁴

O grupo de desenho industrial da Secretaria de Tecnologia Industrial do MIC, localizado na Rua Venezuela n. 82, era a matéria de destaque da edição de agosto de 1983. A matéria trazia um histórico do grupo e relatava seus trabalhos, que abrangiam desenvolvimento e avaliação de produtos industrializados para empresas do governo e da iniciativa privada. Dos oito desenhistas industriais do grupo do MIC, atuantes na época, dois tinham sido diretores da APDINS-RJ: Diva Maria Pires Ferreira e Anamaria de Moraes.²⁵

21 Cf. JORNAL DA APDINS-RJ, n. 10. *Op.Cit.* 1984. No início de 1984, a Campanha Diretas-Já reivindicava as eleições diretas à Presidência da República, e levava milhões de pessoas às ruas.

22 JORNAL DA APDINS-RJ, n. 10. *Op.Cit.* 1984. p. 2.

23 JORNAL DA APDINS-RJ, n. 10. *Op.Cit.* 1984. p. 2.

24 Itiro se formou em engenharia pela Politécnica da USP com orientação final de Sérgio Kehl, foi professor de Ergonomia na ESDI em 1968 e 1971, e, em 1975/77, foi coordenador do Programa de Desenho Industrial do STI/MIC, que financiou a ABDI na realização do Simpósio DESIGN 76. Chefiou o grupo de desenho industrial do MIC, e, nos anos 1960, foi sócio da ABDI, na cidade de São Paulo. A trajetória de Itiro é um capítulo à parte para a história do design brasileiro que incluiu a viabilização da existência do LBDI de Santa Catarina.

25 A equipe se completava com Mário Paulo Valentim Monteiro, Venetia Maria Correia Santos, Álvaro Guimarães de Almeida, Lia Buarque de Macedo Guimarães, João Carlos da Silva e Arinaldo Vieira. O grupo tinha se constituído em março de 1975 como parte das ações de um programa da Secretaria de Tecnologia Industrial, que foi denominado “06”. Em sua constituição, estiveram presentes Maria Isabel Rodrigues, José Abramovitz, Luiz Blank, Freddy Van Camp e Mair Dória, todos sob a chefia de Itiro Iida. Mair era engenheiro de

A ALADI era acompanhada por Valéria London e Elio Grossman, que tinham comparecido ao II Congresso Latino Americano, promovido por essa Associação, em Cuba, de 5 a 11 de dezembro de 1982. Os dois designers brasileiros foram os únicos a representar o Brasil, e apresentaram no evento “15 projetos de profissionais e estudantes brasileiros baseados no tema central do congresso, a ‘tecnologia apropriada’”.²⁶

Por causa dessa cobertura de matérias sobre o campo do design, dos elogios e dos pedidos de assinaturas enviados por carta de pessoas residentes em outros estados, a APDINS-RJ afirmava que seu jornal era, em 1983, o “único veículo de informação especializado em Desenho Industrial e Programação Visual em todo o Brasil, assim como o único porta-voz de nossas questões profissionais”.²⁷ Alegava, portanto, que a importância alcançada pelo jornal confirmava as responsabilidades da APDINS-RJ em seu trabalho, e justificava o formato tabloide.

A grande realização da gestão foi o 3º ENDI. O evento ocorreu no Campus da Fundação Educacional de Bauru, São Paulo, de 11 a 15 de novembro de 1983. Foi promovido pela Faculdade de Artes e Comunicações da Fundação e pela APDINS-RJ. A equipe de organização local foi liderada por Olício Carlos Pelosi, diretor da Faculdade. E, pelo lado carioca, por Anamaria de Moraes, presidente da APDINS-RJ.

Os diretores da APDINS-RJ que mais trabalharam na organização do 3º ENDI foram Nilson Santos, Anamaria de Moraes e Lígia Maria Medeiros. A presidente da Associação informou que, como eram poucos os diretores que faziam algo pela organização do evento, ela pediu “socorro” à Eliana Formiga e Maria Luiza Pinto, colegas da antiga Diretoria de 1981/1983.

Como a experiência na organização do Encontro e os contatos para a realização do evento estavam com os cariocas, a APDINS-RJ centralizou as decisões sobre o formato do ENDI e sobre quem seria convidado para suas palestras.²⁸ Apesar disso, Anamaria garante que a escolha de palestrantes foi diversificada, sem discriminar ninguém.²⁹ A programação visual do evento foi projetada por Maria Luiza e os impressos produzidos pela gráfica ZEZ, de José Carlos Conceição.

produção. JORNAL DA APDINS-RJ, n. 9. *Op.Cit.* 1983. p. 4-5.

26 LONDON, Valéria Munck. “Diário de bordo de uma expedição ao Caribe”. In JORNAL DA APDINS-RJ, n. 9. *Op.Cit.* 1983. p. 6.

27 JORNAL DA APDINS-RJ, n. 9. *Op.Cit.* 1983. p. 2. Nesse exemplar, são publicadas cartas recebidas das cidades de Belo Horizonte e Campina Grande. Na edição de março de 1984, é publicada carta da Biblioteca Nacional que solicitava exemplares do Jornal da APDINS para que estes constassem nos seus registros.

28 Olício Carlos Pelosi viajou para a cidade do Rio de Janeiro para participar das reuniões com os diretores da APDINS-RJ, com o objetivo de discutir a organização do evento. Entrevista realizada com Anamaria de Moraes. *Op.Cit.* 2002.

29 Apresentaram-se, nas palestras/conferências, os arquitetos da antiga ABDI, Lúcio Grinover e Alessandro Ventura, docentes como Michel Thiollent e, ainda, o designer formado em Ulm, Gui Bonsiepe. JORNAL DA APDINS-RJ, n. 10. *Op.Cit.* 1984. p. 2.

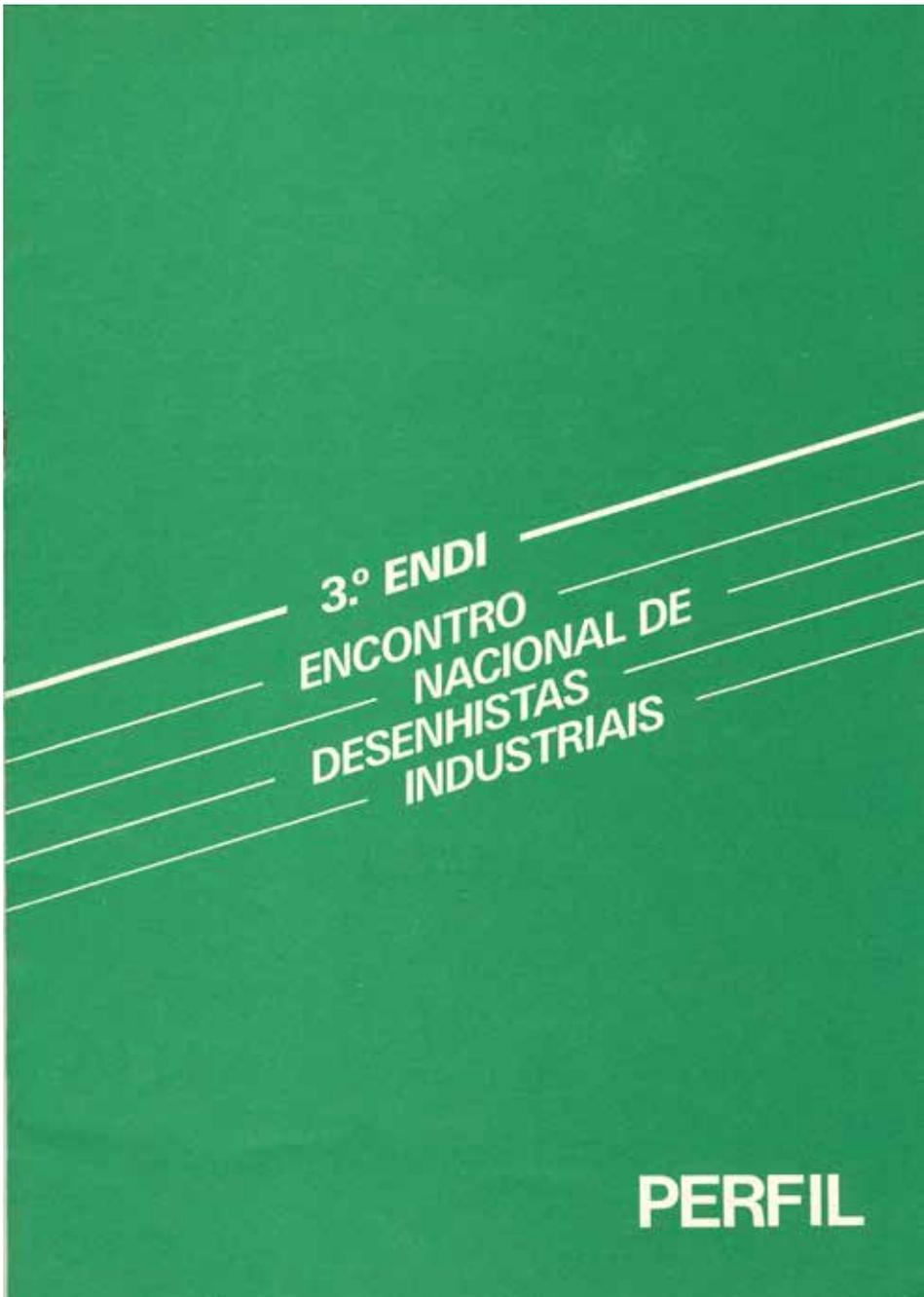


Figura 4.4 Capa do programa do 3º ENDI. Identidade visual de autoria de Maria Luiza Corrêa Pinto.

O formato do encontro de Bauru mudou a ênfase nos grupos de trabalhos para as palestras e mini-seminários. A mudança, segundo Anamaria de Moraes, seguia as preocupações com a formação do profissional, que tinham orientado a organização dos cursos em 1983.³⁰

Procurou-se abarcar um espectro maior da atuação do designer mediante a diversificação dos temas das palestras e minisseminários.³¹ Anamaria de Moraes informa que, apesar das limitações das verbas disponíveis, os palestrantes receberam passagem e um jetton para ir a Bauru. O formato aproximava-se do de um congresso. O tema central do encontro era “O desenho Industrial: Especificidades e Interações” e, além das palestras e minisseminários, realizou-se uma exposição sobre Aloísio Magalhães e quatro Grupos de Trabalhos: Desenho Industrial e participação no Processo Nacional/Comissão Nacional; Normalização Profissional; Ensino de Projetação de Produto; e Preparação para o 4º ENDI.³²

Cerca de 500 profissionais e estudantes participaram do evento, vindos dos estados de São Paulo, Maranhão, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Ceará, Paraíba e Paraná.³³ Para acomodação das plenárias, a Faculdade de Bauru montou uma “lona” de “circo”, considerada a única opção para abrigar “os mais de 500 participantes de uma só vez”.³⁴

As palestras foram gravadas, mas, como informa Anamaria, o material ficou em Bauru para a produção dos Anais do evento, mas acabou não sendo publicado. Algumas ações dos Grupos de Trabalhos foram noticiadas pela APDINS-RJ após a realização do 3º ENDI.

O Grupo de Trabalho ‘Normalização Profissional’ centrou suas discussões em uma avaliação da situação do Projeto de Regulamentação da profissão. Em meados de 1983, o deputado Celso Peçanha, do PTB-RJ, tinha entrado com o Projeto de Lei nº 1955, no Congresso Nacional. Portanto, tratava-se de uma segunda chance de aprovação da regulamentação tão esperada pela categoria nos últimos anos. Entretanto, o projeto encaminhado por Celso Peçanha utilizava-se “apenas de parte do texto que tinha sido aprovado no 1º ENDI”.³⁵ Basicamente,

30 Entrevista realizada com Anamaria de Moraes. *Op.Cit.* 2002.

31 Os painéis de apresentação de trabalhos abrangiam, entre outros temas, Fotografia, Audio-visual, Sinalização Urbana e Viária, Embalagem, Bolsas e Couros em Geral, Móveis, Ergonomia, Tecnologia Apropriada etc. Estava previsto que os painéis, em forma de palestras/conferências, poderiam ser aprofundados, em outro horário durante o evento, na forma de minisseminários que funcionariam, na prática, como minicursos. Cf. 3o ENCONTRO NACIONAL DE DESENHISTAS INDUSTRIAIS. Perfil. Rio de Janeiro: ZEZ / APDINS-RJ, 1983.

32 *Id.Ibid.*

33 BOLETIM INFORMATIVO – Especial do ENDI. Bauru: Faculdade de Artes e Comunicações – UNESP. 15 de novembro de 1983. 2 páginas datilografadas.

34 *Id.Ibid.*

35 Carta aos associados, enviada em 21 de julho de 1984 pela APDINS-RJ. 1 página.

esse Projeto de Lei tratava das definições sobre o profissional, das suas atribuições e de quem teria direito ao exercício do desenho industrial.³⁶ Não constava o capítulo sobre os órgãos fiscalizadores, as definições sobre o piso salarial ou o registro de firmas e entidades, que estavam presentes no texto do 1º ENDI.

Por isso o Grupo de Trabalho ‘Normalização Profissional’, do 3º ENDI, concluía com a proposta de um aditivo ao Projeto de Lei n. 1955/1983, e do acompanhamento jurídico para prestar “assessoria quanto à forma do processo de regulamentação”. Recomendava, também, que houvesse contatos com empresários e políticos no sentido de reforçar o processo de regulamentação e apoiar o deputado Celso Peçanha.³⁷

O Grupo de Trabalho ‘Desenho Industrial e Participação no Processo Nacional’ terminou com o “re-encaminhamento da Comissão Nacional de Desenho Industrial, que já fora aprovada no 2º ENDI”.³⁸ A presidente da APDINS-RJ estava se referindo ao Comitê Nacional Provisório de Desenhistas Industriais, proposto em Pernambuco, em 1981, e que ao longo de 1982 não conseguiu se estruturar.³⁹ Porém, como o Comitê do 2º ENDI tinha caráter provisório, seu reencaminhamento foi definido como “criação definitiva” e com a denominação de Comissão.⁴⁰ Ainda assim, para sua efetivação, uma Comissão Nacional Provisória foi eleita com a missão de realizar tarefas de estruturação até a 1ª reunião oficial, marcada para março de 1984. Ela foi composta com “representantes dos estados” presentes no próprio Grupo de Trabalho que a tinha gerado.⁴¹

A Comissão Nacional de Desenhistas Industriais – CN/DI teria objetivos similares aos do Comitê Nacional Provisório de 1982: encaminhar e acompa-

36 BRASIL. Projeto de Lei n. 1955/1983. Brasília: Distrito Federal. 1983. Ver <http://pt.scribd.com/doc/69156264/4o-PL-1955-1983>

37 3o ENCONTRO NACIONAL DE DESENHISTAS INDUSTRIAIS. Grupo de Trabalho 2 – “Normalização Profissional” – Texto conclusivo. Bauru: 3º ENDI, provavelmente de 15 de novembro de 1983. 1 página datilografada.

38 *Id.Ibid.*

39 Este Comitê e suas dificuldades foram assinalados na gestão da Diretoria da APDINS-RJ de 1981/1983, narrada no capítulo anterior. Entre as dificuldades encontradas, estava a recusa do CNPq em financiar as atividades do Comitê, por entender que suas finalidades não se enquadravam nos projetos apoiados pelo Conselho. Carta à Margarida Barbosa Lima. *Op.Cit.* 1982.

40 JORNAL DA APDINS-RJ n. 10. *Op.Cit.* 1984. p. 3.

41 Estes representantes eram dos estados que já contavam com associações profissionais ou com instituições de ensino de Desenho Industrial: Francisco J. Donato e Auresnede P. Stephan por São Paulo; Elio Grossman e Denise Edelman, que tinham coordenado o grupo de Trabalho, pelo Rio de Janeiro; Douglas Saboya e Dalton Razera pelo Paraná; Maria Regina por Minas Gerais; João Roberto C. Nascimento (Peixe) por Pernambuco; e Carlos Alberto Pereira e Zilma de Oliveira pelo Maranhão. JORNAL DA APDINS-RJ n. 10. *Op.Cit.* 1984. p. 3.

nhar o processo de regulamentação da profissão, acompanhar o processo do currículo mínimo, aprovado no 1º ENDI, incentivar a criação das associações profissionais estaduais com vistas a um futuro processo de sindicalização e criar as bases para a formação do comitê brasileiro da ALADI, cujo próximo congresso seria realizado no Brasil, em 1984.⁴²

A Comissão Nacional apareceria em conjunto com a associação profissional de Minas Gerais como promotora do 4º ENDI, realizado em Belo Horizonte, em 1985. Observamos que, nessa época, iniciava-se um processo no qual a liderança institucional da APDINS-RJ, nas ações descritas, cedia espaço para outras lideranças institucionais de outros estados.

Uma reunião só dos estudantes foi articulada pelos alunos do Rio de Janeiro e Pernambuco para discutir questões específicas de seus interesses. Começava a discussão sobre um fórum próprio que iria se repetir nos ENDIs de 1985 e 1988.

Apesar do sucesso do 3º ENDI, uma crise na Diretoria da APDINS-RJ passou a se evidenciar com a realização do evento de Bauru.

Poucos diretores tinham se dedicado à organização e à realização do 3º ENDI. Alguns diretores já tinham se afastado das atividades gerais da gestão antes mesmo da data do Encontro, por motivos variados. Ao final de 1983 e início de 1984, a Diretoria tinha ficado “reduzida”.⁴³

Segundo Anamaria de Moraes, ocorreram divergências no rumo que a gestão de 1983/1985 deveria seguir. Alguns diretores reivindicaram que a APDINS-RJ mantivesse sua ênfase no caráter mais político e sindical do que a ênfase mais técnica e de formação que ocorria na prática das atividades. Essas divergências teriam alcançado, também, as discussões sobre o formato do 3º ENDI e a participação dos diretores no evento em Bauru.⁴⁴

Um dos episódios que evidenciou um “racha” na Diretoria foi o critério de cessão de passagens e hospedagem para os diretores irem ao Encontro. A presidente da APDINS-RJ determinou que só os diretores que fossem apresentar palestra ou tivessem trabalhando na organização do 3º ENDI receberiam passagens pagas. A medida visava recompensar quem trabalhou para o evento e otimizar os recursos para facilitar a ida de palestrantes.⁴⁵ Os diretores não contemplados com os recursos financeiros e que tiveram de viajar por conta própria se sentiram excluídos.

Outra diferença de opinião entre diretores era sobre a validade de criação da Comissão Nacional naquele momento. Anamaria diz que o reencaminhamen-

42 *Id.Ibid.* p. 4. A sede provisória da CN/DI seria na Associação de Desenho Industrial – ADI, localizada em Santos, São Paulo, criada em 1983.

43 Entrevista realizada com Anamaria de Moraes. *Op.Cit.* 2002.

44 *Id.Ibid.*

45 *Id.Ibid.*

to da Comissão foi uma surpresa para os organizadores do evento, pois a Comissão não estava na pauta do Grupo de Trabalho. Além disso, a ex-presidente da APDINS-RJ explica que ela, assim como outros designers, não acreditavam que a Comissão Nacional teria futuro porque a experiência do Comitê Nacional Provisório, em 1982, tinha demonstrado as impossibilidades de um organismo nacional. E isso se devia ao fato de que não existia, naquela época, associações profissionais suficientes em número e em estabilidade apropriadas a dar sustentação à Comissão Nacional, que pudessem torná-la realmente representativa da categoria em nível nacional.⁴⁶

Por causa desses acontecimentos é que, para Anamaria, a crise entre os membros da Diretoria da APDINS-RJ se acirra após o 3º ENDI. No início de 1984, soma-se à crise a pouca participação de sócios nas atividades cotidianas da Associação, fato que ocorrera também ao final da gestão anterior.

Anamaria de Moraes exerce a presidência da Associação até abril de 1984 quando, por meio de carta aos associados, anuncia a decisão de convocar eleição para a Diretoria de Associação, que seria realizada em 16 de maio de 1984.

O resultado é triste e desastroso. Como as outras associações, agremiações, clubes, sindicatos, a APDINS/RJ sofre as conseqüências da falta (= trabalho) de seus associados.

A duras penas, poucos fazem um boletim: escrevem, paginam, montam, levam na gráfica, chateiam o Zé Carlos que imprime de graça. Alguns cobram: – o jornal está atrasado! A maioria nem se preocupa, se aparecer tudo bem, se sumir também tudo bem. [...]

Elegem-se as diretorias. Várias pessoas declaram: não quero participar da diretoria, mas contem comigo! Nunca mais aparecem! São quinze diretores. Primeira reunião, nem todos presentes. Segunda reunião, faltam mais dois. Terceira reunião, outras ausências. Primeiros meses, alguns se demitem, outros simplesmente somem. Ficam cinco diretores. Fenômeno que se repete há várias diretorias. [...]

Reflexões como estas me levam a convocar novas eleições para compor uma nova diretoria da APDINS/RJ, para o biênio 84/85. Espero que muitos compareçam.⁴⁷

Entretanto, a eleição não se efetiva na assembleia de 16 de maio realizada na ESDI. Na ocasião, decidiu-se pela convocação de uma Assembleia Geral Extraordinária para o dia 14 de junho de 1984, na PUC.

46 *Id.Ibid.* Anamaria de Moraes explica que foi por este motivo que recusou que a sede da CN/DI fosse na APDINS-RJ.

47 Carta aos associados assinada por Anamaria de Moraes. Sem data, provavelmente de abril de 1984. APDINS-RJ. 1 página.

4.1.1.2 A GESTÃO DE JUNHO DE 1984 A AGOSTO 1985

A Diretoria foi empossada por um referendo feito na assembleia da PUC, na qual é apresentado o grupo de pessoas que compuseram os cargos para um mandato até março de 1985. Assume a presidência José Mário Parrot Bastos, que fica à frente de uma Diretoria composta por nove diretores eleitos em 1983 que permaneceram em seus cargos, e outros seis referendados na assembleia, na qual 21 pessoas assinaram a lista de presença, sendo duas estudantes.⁴⁸

Bastos foi o único presidente da APDINS-RJ que não era oriundo da ESDI: se formou em arquitetura na UFRJ em 1971. Ele deu aula em um curso preparatório para candidatos ao ingresso na ESDI e alguns diretores da Associação tinham sido seus alunos, como Nilton Santos e Luis Agner. Bastos tinha trabalhado principalmente com programação visual para publicidade, eventos, marcas e impressos editoriais.⁴⁹

Segundo Bastos, a prioridade central da nova gestão era “manter a APDINS viva” e a estratégia era a “participação da APDINS nos concursos, a reestruturação para eleição da nova gestão e a busca de parcerias” para as atividades da entidade. Bastos tinha “bom trânsito em diversos clientes de grande porte, inclusive da área governamental” e essa experiência teria sido vista por membros da APDINS “como um qualificador” para a presidência para conduzir contatos e parcerias para a Associação. A gestão teria sido mais engajada no reconhecimento profissional do que na regulamentação.⁵⁰

48 Permaneceram em seus cargos: Nilson Santos, Isabella Perrota, Denise Edelman, Luis Carlos Agner Caldas, Lígia Maria Sampaio de Medeiros, Valéria London, Joaquim Redig, Elio Grossman e Cyntia Malaguti. Assumiram os cargos vagos: Cyntia Motta M. Silva, suplente da Diretoria Financeira; Isabel Maria de Oliveira Martins, Diretoria Administrativa; Eliseu Resende Santos, suplente da Diretoria Administrativa; Alexandre Teixeira, suplente da Diretoria de Informação; Cyntia Mariza do Amaral Moreira, Conselho Consultivo; Raquel Cândida Duarte, Conselho Fiscal. Ata da Assembleia Geral Extraordinária, realizada no dia 14 de junho de 1984, na PUC/RJ. Rio de Janeiro, APDINS-RJ, 1984. Observamos que o conceito de suplência, suspenso em 1981, é reintroduzido.

49 Bastos fez parte de um grupo da FAU-UFRJ que tinha interesse em design, inicialmente com foco em mobiliário urbano, pré-moldados, tijolos estruturais, lajes pré-fabricadas e sinalização. Áreas de interface entre design e arquitetura. Frequentava palestras na ESDI e, mais tarde, trabalhou como *free-lancer* em diversos projetos gráficos para a revista Manchete e Pasquim, e colaborou com a revista em quadrinhos O Bicho. Foi convidado para dar aula no Centro Design, criado por Uwe Kohen e Roberto Eppinghaus, no início dos anos 1970 que oferecia um curso noturno preparatório para as provas de ingresso na ESDI. Bastos se associou à APDINS-RJ em 1983, época em que participou como palestrante sobre CAD no III ENDI. Entrevista feita com José Mario Parrot Bastos, respondida por correio eletrônico, em 22 de fevereiro de 2011.

50 Entrevista feita com José Mario Parrot Bastos, *Op.Cit.* 2011.

Entretanto, continuou-se a acompanhar o processo de regulamentação da profissão que estava sendo liderado pela CN/DI, criada no 3º ENDI. A CN/DI tinha se reunido em julho de 1984, em Brasília, para discutir ações “junto à Câmara Federal, no sentido de se apresentar o texto de regulamentação elaborado pelos profissionais de Desenho Industrial em sua forma integral, como substitutivo ao projeto em andamento”.⁵¹ Estavam se referindo ao projeto do deputado Celso Peçanha, que tramitava no Congresso, e pretendiam substituir pelo texto completo do 1º ENDI.

A APDINS-RJ elegeu seu representante junto à CN/DI e anunciava o início de “um movimento de âmbito nacional de apoio ao projeto de regulamentação”. Uma festa intitulada “Grande Festa do Chapéu” foi realizada dia 28 de julho, no bairro de Ipanema, com o objetivo de levantar recursos financeiros para a campanha de mobilização nacional.⁵²

Algumas atividades culturais também ocorreram nesse segundo semestre de 1984. Reeditou-se um curso de CAD (Computer Aided Design), que tinha sido oferecido em abril de 1984, na PUC-Rio, promovido pela APDINS-RJ e ministrado por José Mário Parrot, Cesar Nunes e Rogério Ponce.⁵³ Dois concursos de design se realizaram com o apoio da APDINS-RJ. O primeiro, em agosto de 1984, promovido pela empresa Uniforma Arte Decoração Ltda, sobre design mobiliário,⁵⁴ e o segundo, promovido pela Companhia Municipal de Limpeza Urbana – Comlurb, que tinha como tema o Projeto de Coletor de Lixo Urbano. O concurso se iniciou em novembro de 1984 e terminou em fevereiro de 1985.⁵⁵

O Jornal da APDINS-RJ não voltou a ser editado após março de 1984. As comunicações da Diretoria, a partir dessa data e até início de 1985, foram realizadas por cartas. Somente em meados de 1985, durante o processo eleitoral para o biênio

51 “Desenhista Industriais lutam por sua regulamentação”. Carta aos associados, enviada em 21 de julho de 1984 pela APDINS-RJ. Rio de Janeiro: APDINS-RJ. 1 página.

52 *Id.Ibid.* Não foram encontradas referências se realmente ocorreu este movimento de âmbito nacional em 1984. Apenas um documento foi encaminhado ao relator do projeto de regulamentação no Congresso Nacional.

53 Carta aos associados, de 6 de setembro de 1984. Assinada por Isabella Perrota. Rio de Janeiro: APDINS-RJ. 1 página. Bastos acredita que talvez fosse o primeiro curso de CAD voltado para Desenho Industrial. Entrevista feita com José Mario Parrot Bastos, *Op.Cit.* 2011.

54 O concurso ocorreu como uma das atividades do 1º Salão de Arte Decorativa – Art e Design, que a mesma empresa organizava para agosto, no Hotel Copacabana Palace. Além de uma mostra de itens de interiores, o evento contaria com um ciclo de conferências. Carta datada de 5 de junho de 1984. Rio de Janeiro: UNIFORMA, Art e Decoração. 1 página.

55 Carta a Freddy Van Camp, datada de 1º de novembro de 1984, assinada por José Mário Parrot Bastos como presidente da APDINS-RJ. E carta aos associados com balanço das atividades de 1984. APDINS-RJ, março de 1985. 1 página.

1985/1987, a APDINS-RJ passou a enviar pelo correio um boletim regular de notícias, intitulado Informe APDINS-RJ, em formato ofício dobrado e datilografado.

Em março de 1985, a Diretoria apresenta um balanço das atividades de 1984 e convoca eleições para 11 de abril de 1985, na PUC-Rio. No entanto, não há apresentação de chapas e a eleição é adiada. O grupo de profissionais presente na assembleia de 11 de abril resolve discutir o projeto de regulamentação e forma um “Grupo de Trabalho para este fim”, com cerca de 20 profissionais.⁵⁶

A Diretoria forma outro grupo de trabalho para discutir a organização e participação no 4º ENDI,⁵⁷ que seria promovido em Belo Horizonte pela APDINS-MG, criada no início de 1985.⁵⁸ A composição desse grupo demonstra que tradicionais articuladores da APDINS voltaram a frequentar a Associação no intuito de fazê-la sobreviver.⁵⁹ O grupo contou também com outros nomes de pessoas novas no cotidiano da associação carioca. A APDINS-RJ passou a promover reuniões periódicas da Diretoria e dos grupos de trabalhos em sua sede, na Rua Bambina, com o objetivo de reestruturar a Associação e reincorporar mais sócios em seu cotidiano.

Em 15 de junho, durante a realização de um encontro de profissionais promovido pela APDINS na PUC-Rio, os grupos de trabalho ganham novos adeptos. No encontro, novos grupos de discussão são formados e os temas de pauta foram: Política Nacional do Desenho Industrial, Mercado de trabalho, “Assessoria legal”, “Informação/Divulgação” e “Estrutura da APDINS”.⁶⁰ Os grupos foram reorganizados em 4 setores, pela forma de atuação no mercado: Profissionais Autônomos, Assalariados Privados, Assalariados Públicos e Escritórios.⁶¹

56 Carta aos associados, enviada por correio em 11 de junho de 1985, assinada por Isabella Perrota pela APDINS-RJ. As recomendações e posições dos profissionais que frequentava a APDINS-RJ são encaminhadas à CN/DI, que estava acompanhando, neste período de 1985, o projeto de regulamentação junto à Câmara de Deputados do Congresso Nacional. Não há uma relação de quais profissionais teriam participado do grupo de discussão sobre o projeto de regulamentação na APDINS-RJ.

57 *Id.Ibid.*

58 Carta aos associados com balanço das atividades de 1984. APDINS-RJ, março de 1985. 1 página.

59 Frequentavam este grupo de trabalho: José Abramovitz, Ana Luísa Escorel, Bitiz, Denise Alvarez, Gláucia Azambuja, Freddy Van Camp, Isabella Perrota, Nilson Santos, Valéria London, Denise Edelman, Joaquim Redig, Maria Luisa, Luis Otávio Bittencourt (Lula), Evelyn Grumach, Diva Maria Pires Araújo, Denise Westin e Regina Célia Pereira. Cf. Carta aos associados, enviada em 11 de junho de 1985, assinada por Isabella Perrota. APDINS-RJ, Rio de Janeiro. 1 página.

60 INFORME APDINS/RJ. Rio de Janeiro: APDINS/RJ. Sem número, enviado em 28 de junho de 1985. 1 página.

61 *Id.Ibid.* O grupo original de discussão sobre o 4º ENDI continuou a se reunir em paralelo aos quatro novos grupos.

As reuniões desses quatro grupos de trabalho se estenderam até o final de julho, quando foi marcada eleição para a nova Diretoria, em 6 de agosto de 1985. Pretendia-se que as conclusões e as sugestões feitas pelos grupos de trabalho servissem de base para a plataforma da Diretoria a ser eleita, independentemente de quem ocupasse seus cargos. Cada um dos grupos identificou, durante o período de discussões, “carências básicas, decorrentes da sua forma de inserção no mercado de trabalho”.⁶²

O grupo dos Escritórios “se concentrou na questão da tabela de preços”.⁶³ O de Assalariados Públicos concentrou-se na discussão da regulamentação da profissão. Estavam preocupados com o piso salarial compatível com o nível superior na carreira do funcionalismo público e com a inclusão da profissão de desenhista industrial no plano de cargos dos órgãos públicos.⁶⁴ O grupo dos Assalariados Privados reivindicava um levantamento sobre o mercado de trabalho para conhecer suas possibilidades de atuação e maior divulgação da profissão, pois “este mesmo mercado também nos desconhece”.⁶⁵

Divulgação sobre o design e o reconhecimento do trabalho do profissional pelo mercado também foram os pontos destacados pelos Autônomos que alertavam, igual aos assalariados públicos, para a necessidade de assessoria jurídica para as questões trabalhistas e contratuais.

A questão geral, que abrangia todos os grupos, fazia referência ao cenário político nacional em 1985:

A questão da participação da APDINS na retomada pela sociedade civil de seus direitos à opinião e às interferências nas decisões de caráter público também foi levantada com certa ênfase. Os associados representados pelos integrantes dos grupos de trabalho esperam de sua entidade uma atuação firme, solidária com os propósitos democráticos da nova ordem.⁶⁶

A ‘nova ordem’ a que estavam referindo-se era a ‘Nova República’, iniciada com a posse de José Sarney, em 15 de março de 1985. Sarney foi o primeiro civil a exercer a presidência após 21 anos de regime militar no Brasil. Apesar das referências à política nacional, a inserção no mercado de trabalho e as questões técni-

62 INFORME APDINS/RJ. Rio de Janeiro: APDINS/RJ. Sem número, enviado em 25 de julho de 1985. 1 página.

63 *Id.Ibid.*

64 *Ibidem.* Participavam do grupo de Assalariados Públicos “profissionais ligados ao MIC, FUNARTE, Metrô, FESP, Imprensa Oficial, FLUMITUR e Prefeitura de Petrópolis”. Maria Glória Afflalo na FUNARTE, Diva Maria no MIC e Paulo Sebastião na FESP eram os contatos deste grupo.

65 *Ibidem.*

66 *Ibidem.*

cas e trabalhistas dessa inserção iriam adquirindo maior vulto nas preocupações dos profissionais que reestruturavam a APDINS-RJ.

A reestruturação da APDINS desenvolvida em 1985, com base em grupos de trabalhos, tinha conseguido reaglutinar um número de profissionais suficiente para discutir propostas para a atuação da Associação e restabelecer seu cotidiano de reuniões. A formação de grupos de trabalho tinha orientado a estruturação da ABDI-RJ, em 1976, e a própria fundação da APDINS-RJ, em 1978. Alguns dos profissionais que rearticulam a Associação, em 1985, estavam presentes na liderança do movimento de profissionais cariocas no final dos anos de 1970.

Por tudo isso é que os profissionais rearticulados em 1985 propõem que a nova Diretoria adote para sua “dinâmica operacional” a constituição de um grupo de trabalho executivo e de grupos de trabalho “que forneçam apoio operacional ao grupo executivo”.⁶⁷ Representantes dos quatro grupos de trabalho anteriores, e já descritos, comporiam os grupos de apoio e auxiliariam a “constante formulação de questões a serem realizadas e executadas pela diretoria”.⁶⁸

Esse sistema objetivava evitar que a Diretoria se obrigasse “a executar mi-lagrosamente programas definidos” e “garantir o caráter democrático de suas decisões”. Entretanto, podemos concluir que, também, se pretendia manter em atividade nas ações da nova Diretoria o número de profissionais que tinha participado dos grupos de trabalho até junho de 1985.⁶⁹

A nova Diretoria é eleita em 06 de agosto com algumas mudanças, mas não exatamente com o sistema de grupos de trabalho proposto. Porém, tinha algumas das recomendações, anteriormente expostas, como referências para sua estruturação.

4.1.2 A GESTÃO DE 1985/1988

Maria Beatriz Afflalo Brandão (Bitiz), articuladora da APDINS-RJ desde os tempos da fundação da Associação, é convidada para a presidência da nova Diretoria. Bitiz⁷⁰ tinha voltado a frequentar a APDINS-RJ em meados de 1985, após algum tempo de afastamento por motivos particulares. Bitiz afirma que a Diretoria foi montada com as pessoas que tinham participado dos grupos de trabalho de 1985.

67 *Ibidem.*

68 *Ibidem.*

69 Bitiz confirma que a intenção dos grupos de trabalho, no primeiro semestre de 1985, era fortalecer o grupo de profissionais que reorganizava a APDINS para depois “formar uma diretoria forte”. Entrevista realizada com Maria Beatriz Afflalo Brandão (Bitiz), em 20 de maio de 2004, na cidade do Rio de Janeiro, com 1 hora e 30 minutos de duração.

70 Passarei a me referir a Maria Beatriz Afflalo Brandão pelo seu nome profissional, Bitiz Afflalo, que é usado pela designer no campo profissional.

Foram eleitas 22 pessoas para a Diretoria, por meio de chapa única, por 52 associados da APDINS-RJ presentes à Assembleia realizada na Faculdade da Cidade.⁷¹ A Diretoria foi formada sem Conselho Fiscal e Consultivo. O único Conselho formado foi o ‘Editorial’, que tinha como função “realizar e incentivar a produção de artigos” e selecionar material bibliográfico sobre desenho industrial para “difusão na mídia especializada” com o objetivo de alcançar “um maior reconhecimento do trabalho da profissão junto à sociedade”.⁷² Compunham esse Conselho quatro ex-integrantes da Diretoria provisória da APDINS-RJ em 1978: Diva Maria, Ana Luísa Escorel, Joaquim Redig e Valéria London.

As Diretorias específicas tiveram seu número de membros aumentado, para atender a “concepção de uma estrutura mais democrática de trabalho” que descentraliza as funções. A Diretoria Financeira foi composta por três membros: Ivan Ferreira, Nilson Santos e Cláudia Brandão Matos. A Diretoria Administrativa também tinha três membros: Beatriz Figueiredo, Isabel Maria Oliveira Martins e Maria Carolina Sabóia de Andrade Reis. Quatro pessoas integravam a Diretoria de Divulgação: Denise Edelman, Regina Célia Gomes Pereira, Luiz Otávio Hime Bittencourt (Lula) e Conrado Niemeyer. O maior número de diretores estava na Diretoria Cultural: Evelyn Grumach, Isabella Perrota, Cláudia Regina da Rocha Braga, Gláucia Azambuja de Aguiar, José Abramovitz, Denise Alvarez e Paulo Milton de Alencar Barreira (Peême).

A composição dessa Diretoria misturava mais uma vez antigos articuladores e novos colaboradores da APDINS-RJ, entre os últimos estavam alguns recém-formados da ESDI e da PUC-Rio.⁷³ Dos 22 diretores, 16 tinham sua formação acadêmica na ESDI. Os formados pela PUC-Rio eram quatro. A novidade era a presença de um arquiteto entre os diretores designers: Ivan Ferreira. Bitiz esclarece que Ivan frequentava os grupos de trabalho da APDINS-RJ em 1985, e foi convidado a integrar a chapa porque tinha um “escritório de design e tinha trabalhado muitos anos no escritório de Aloísio”⁷⁴ (Magalhães). Portanto, como os demais, foi arregimentado por relações pessoais e profissionais com os articuladores mais antigos da APDINS-RJ.

71 INFORME APDINS/RJ. Rio de Janeiro: APDINS/RJ, n. 1, de 4 de setembro de 1985. 2 páginas.

72 *Id.Ibid.*

73 Bitiz acredita que os profissionais da PUC-Rio vieram a frequentar a APDINS a partir de contatos com os professores, que também eram atuantes na Associação, como é o caso de Joaquim Redig. Entrevista realizada com Maria Beatriz Afflalo Brandão. *Op.Cit.* 2004.

74 Entrevista realizada com Maria Beatriz Afflalo Brandão. *Op.Cit.* 2004. Ivan Ferreira estudou arquitetura na UFRJ, na turma de Rafael Rodrigues que foi sócio de Aloísio Magalhães e professor da PUC-Rio.

Bitiz afirma que, no início, a Diretoria estava entusiasmada e vivia um sentimento de “renovação” devido ao grupo formado, conseguida com o processo dos grupos de trabalho. A APDINS-RJ sobrevivera ao período de crise e esvaziamento de 1984, por meio de uma Diretoria eleita e ampliada.

Entretanto, os problemas de participação de um número maior de sócios e da arrecadação financeira persistiram. Em setembro de 1985, a APDINS-RJ possuía “450 sócios cadastrados, dos quais menos de um terço quitam as mensalidades”.⁷⁵ Algumas providências iniciais são tomadas visando reverter este quadro. Aprovou-se que a contribuição dos sócios fosse atrelada ao valor de uma ORTN (Obrigação Reajustável do Tesouro Nacional) para enfrentar a inflação alta.⁷⁶ O sistema de pagamento foi organizado por carnê em rede bancária e os associados com muitos atrasos em suas contribuições eram anistiados, desde que quitassem o último trimestre (julho, agosto e setembro). Além disso, solicitou-se que os associados trouxessem “amigos e companheiros desligados, conhecidos e esquecidos” e que convidassem os recém-formados a filiarem-se à APDINS.⁷⁷

Outro problema enfrentado pela nova Diretoria foi a mudança de sede. A firma dona do imóvel da Rua Bambina passava por reestruturações e informou que não continuaria com o contrato de aluguel. Um espaço pertencente à revista Módulo, da Editora Avenir, localizado na Rua Professor Alfredo Gomes, em Botafogo, é alugado a partir de outubro de 1985.⁷⁸ As primeiras reuniões da Diretoria ocorrem na casa de Bitiz e, logo depois, realizam-se na Faculdade da Cidade.⁷⁹

O primeiro grande evento de que a APDINS-RJ vai participar, nessa época, é o 4º ENDI. O Encontro vinha sendo tema de discussão entre os grupos de trabalho da Associação sobre posições comuns que os cariocas pudessem defender durante o evento. Porém, institucionalmente a APDINS-RJ não era mais organizadora do evento.

A APDINS-MG tinha decidido, em 1985, pouco tempo depois de sua criação, mudar sua nomenclatura para Associação Profissional dos Comunicadores Visuais e Desenhistas Industriais de Nível Superior – ACVDI.

75 INFORME APDINS/RJ, n. 1. *Op.Cit.* 1985. Segundo balanço da Diretoria em 1987, no início da gestão eram “somente 70 sócios em dia”. Cf. DESIGNATIVO 1. Rio de Janeiro: APDINS-RJ. Fevereiro de 1987. p. 11.

76 Indexador financeiro usado em transações econômicas que na época estava com seu valor em Cr\$ 58.302,00. A inflação acumulada do ano de 1984 foi de 223,90%.

77 INFORME APDINS/RJ. Rio de Janeiro: APDINS/RJ, n. 2, de 4 de outubro de 1985.

78 *Id.Ibid.* A APDINS-RJ possuía apenas como patrimônio “um arquivo, uma máquina de escrever velha e muito papel”. Bergmiller viabilizou a doação de uma mesa e um armário da indústria Escriba para a nova sede, após contato da Diretoria da APDINS.

79 Bitiz informa que algumas reuniões ocorreram separadas por grupos, com temas específicos, para depois se encontrarem na reunião de Diretoria. Entrevista realizada com Maria Beatriz Afflalo Brandão. *Op.Cit.* 2004.

O 4º ENDI foi organizado e promovido pela ACVDI, com a coordenação geral da CN/DI, que tinha sido composta no 3º ENDI, em Bauru. O Encontro ocorreu de 26 a 29 de outubro de 1985, no Campus da Universidade Federal de Minas Gerais. O tema geral foi “Retrospectiva e Perspectiva do Desenho Industrial no Brasil”.⁸⁰

O 4º ENDI seguiu uma estrutura similar à do 3º ENDI, ao apresentar exposições de profissionais e instituições de ensino, painéis e palestras diversificadas com vários temas sobre a área do design.⁸¹ Entre os palestrantes, estiveram entidades de design e profissionais provenientes de diferentes estados e de variadas formas de atuação no campo do design.⁸²

O encontro de Belo Horizonte formou seis Grupos de Trabalhos: Regulamentação e Organização Profissional, O Ensino do Design, O Planejamento do 5º ENDI, Política Nacional do Desenho Industrial, Organização do Encontro Nacional de Estudantes de Desenho Industrial – ENEDI, e Análise do Ensino. A APDINS-RJ apoiou o evento na divulgação e nas inscrições na cidade do Rio de Janeiro, e esteve presente institucionalmente no grupo de trabalho do 4º ENDI sobre Regulamentação da Profissão. Alguns de seus diretores foram palestrantes nos painéis, como Bitiz e Joaquim Redig. Bitiz acredita que o número de participantes foi muito superior ao de Bauru, onde compareceram cerca de 500 pessoas, visto que Belo Horizonte é uma capital da região sudeste com maior facilidade de acesso para os estados que possuíam maior número de escolas de Design.⁸³

O grupo de Trabalho sobre Regulamentação e Organização Profissional propôs que as associações definissem com clareza sua natureza sindical ou cultural. Para tanto, as associações de caráter cultural deveriam ter a denominação de Associação de Desenhistas Industriais – ADI, e as de caráter sindical passariam a se chamar Associação Profissional dos Desenhistas Industriais, seguidas da sigla do respectivo estado ou município.⁸⁴ Extinguia-se, portanto, a denominação “Nível Superior”, iniciada no Rio de Janeiro. Fato que demonstra que a preocupação em mostrar para a sociedade o grau da formação dos desenhistas industriais já não era a mesma que em fins dos anos 1970.

80 4o ENCONTRO NACIONAL DE DESENHISTAS INDUSTRIAIS. Programa. Belo Horizonte: ACVDI-MG / CN/DI, 1985.

81 Como o Departamento de Design da FIAT de Minas Gerais e o Núcleo de Desenho Industrial da FLUPEME.

82 Entre eles, destacamos: Gui Bonsiepe, Eduardo Barroso e Marcelo Resende pelo CNPq, Diva Maria Pires, Itiro Iida, José Abramovitz, Zanine, Luiz Cruz do NDI/FIESP e Lúcio Grinover.

83 Entrevista realizada com Maria Beatriz Afflalo Brandão. *Op.Cit.* 2004. Os organizadores esperavam que mais de 1000 pessoas comparecessem ao 4º ENDI. Carta a Freddy Van Camp, de 4 de outubro de 1985. Assina ACVDI. Belo Horizonte.

84 Documentos dos Grupos de Trabalho. Belo Horizonte: APDI-MG/CNPq. Março de 1986.

O mesmo Grupo de Trabalho concluiu que a CN/DI possuía “sérias dificuldades” por “não ser uma entidade constituída juridicamente”, o que prejudicava o relacionamento institucional junto a organismos oficiais e a própria captação de recursos financeiros para atuar com eficiência. Por isso, propunha a criação da Associação Nacional dos Desenhistas Industriais – ANDI, “em substituição à atual CNDI”.⁸⁵ A ANDI deveria congregiar todas as ADIs e as APDIs. Esperava-se que futuramente as APDIs se transformassem em sindicatos e a ANDI em “Federação Nacional dos Desenhistas Industriais”.⁸⁶

Quanto ao projeto de regulamentação da profissão, a APDINS-RJ tinha encaminhado, em meados de 1985, uma proposta à CN/DI que a aprovou durante o 4º ENDI, “com pouquíssimas modificações”,⁸⁷ como substitutivo ao Projeto de Lei nº 1955, de 1983, de autoria do deputado Celso Peçanha. Esse substitutivo era baseado no anteprojeto aprovado no 1º ENDI. A diferença principal era que não previa mais a criação de Conselhos de Desenho Industrial, e sim a regulamentação e fiscalização por meio do CONFEA e dos CREAs.⁸⁸

O substitutivo aprovado pela CN/DI era uma resposta ao substitutivo que o CONFEA já tinha encaminhado prevendo a “integração dos Desenhistas Industriais ao sistema CONFEA/CREA”.⁸⁹ O CONFEA encaminhou o seu substitutivo por meio do Ofício n. 1907, de 06 de novembro de 1984, após ser consultado pelo Congresso Nacional a respeito do Projeto de Lei n. 1955, de 1983. O Ofício foi entregue ao deputado Mendes Botelho, relator da Comissão de Trabalho e Legislação Social do Congresso Nacional.⁹⁰ A CN/DI decidiu procurar o CONFEA e negociar a aceitação do substitutivo dos designers.

A decisão do CN/DI de contatar o CONFEA visava aproveitar o momento de avaliação do Projeto de Lei, pelo relator Mendes Botelho, de modo a facilitar o encaminhamento para a aprovação do projeto de regulamentação. Porém, o que se queria era que os artigos do projeto tivessem como base o texto aprovado no 1º ENDI. O CN/DI iniciou contatos com o CONFEA e solicitou às demais associações que mobilizassem seus estados para elaborar ações de apoio ao substitutivo aprovado no 4º ENDI.

Como não estava mais à frente do processo de regulamentação, a APDINS-RJ passou a promover debates sobre o substitutivo da CN/DI, na cidade do Rio de Janeiro, e a mobilizar abaixo-assinados em apoio à regulamentação, que foram

85 *Id.Ibid.*

86 *Ibidem.* Neste sentido, provavelmente, estavam se inspirando nos arquitetos que em março de 1979 fundam a Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas – FNA, após a abertura de sindicatos.

87 DESIGNATIVO 1. *Op.Cit.* 1987. p. 11.

88 Proposta de Substitutivo ao Projeto de Lei n. 1955, de 1983. Belo Horizonte: CNDI. 1985.

89 Documentos dos Grupos de Trabalho. Belo Horizonte: APDI-MG/CNPq. *Op.Cit.* 1986.

90 *Id.Ibid.*

encaminhados a Brasília. Todavia, apesar de o Projeto de Lei n. 1955 ter passado por todas as Comissões, até maio de 1986,⁹¹ já com o substitutivo da CN/DI que o deputado Mendes Botelho apresentou, o projeto não chegou a ser aprovado. Como 1986 foi um ano de eleições, o projeto não entrou na pauta de votações.

Na dependência do esforço concentrado dos Srs. Deputados, nosso projeto não caminhou mais. Agora no ano da constituinte deverá ficar estacionado, até que em 1988 possamos deflagrar os processos de pressão outra vez.⁹²

Com isso, as esperanças pela aprovação do projeto de regulamentação são diminuídas e os sentimentos de frustração são inevitáveis. Apesar de não deixar de ter a regulamentação como uma de suas metas, a APDINS-RJ passaria, em seus últimos anos até 1991, a se dedicar mais a outras atividades profissionais.

Na área cultural, a gestão de 1985/1988 promoveu uma agenda de palestras e participação em alguns concursos. A ênfase, portanto, não foi na realização de cursos como nas gestões anteriores.⁹³ Destacamos, entre as palestras, a de Enzo Grivarello, do Instituto de Desenho Industrial, da cidade de Rosário, Argentina, sobre o ensino e a prática do desenho industrial naquele país; evento realizado na Faculdade da Cidade, no dia 23 de abril de 1986.

Entre os concursos, o destaque ficou com a participação da APDINS-RJ em eventos promovidos pela FUNARTE, em setembro de 1985. A Associação elaborou o edital do concurso para a nova marca da FUNARTE, e indicou membros para o júri do concurso sobre desenho alusivo às comemorações do Dia da Pátria, 7 de setembro.⁹⁴

A APDINS-RJ manteve, por meio de seus informativos, a divulgação de notícias sobre outras instituições com atividades na área do design,⁹⁵ bem como relações diretas com algumas dessas entidades.

91 Cf. INFORME APDINS/RJ, n. 8. *Op.Cit.* 1986.

92 BRANDÃO, Maria Beatriz Afflalo. “Balanço da Diretoria-Presidência”. DESIGNATIVO 1. *Op.Cit.* 1987. p. 10-11.

93 Apenas o curso de CAD, ministrado por J. M. Parrot, Rogério Ponce e César Nunes, foi identificado nos informativos desta gestão. No balanço da Diretoria, de fevereiro de 1987, não há menções sobre promoção de cursos, situação confirmada por Bitiz que, entretanto, afirma que sua gestão teve “mais eventos culturais”. Entrevista realizada com Maria Beatriz Afflalo Brandão. *Op.Cit.* 2004.

94 Cf. INFORME APDINS/RJ, n. 1. *Op.Cit.* 1985.

95 Destacamos: Exposição sobre o Gráfico Amador, movimento surgido no Recife, na década de 1950, do qual Aloísio Magalhães fez parte. O evento ocorreu na FUNARTE, em outubro e novembro de 1985. O INT iniciava, em outubro de 1985, as pesquisas antropométricas de trabalhadores das indústrias do Rio de Janeiro. Os designers associados Denise Edelmam e Arthur Bosísio preparavam, em 1986, os verbetes sobre design e desenho industrial, para serem incluídos na “próxima edição do Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda”. INFORME APDINS/RJ. Rio de Janeiro: APDINS/RJ, n. 5, de 14 de fevereiro de 1986.

Em 1986, a ESDI deparou-se com o problema da doação de seu terreno à Academia Brasileira de Ciências – ABC. A doação tinha sido feita pelo Presidente João Baptista Figueiredo para que a ABC construísse seu prédio. A APDINS-RJ auxiliou a ESDI na mobilização de diversas entidades civis e dos vereadores da cidade para evitar que a ESDI perdesse seu terreno. A Associação realizou reuniões com Lindolfo de Carvalho Dias, secretário geral da ABC, para mediar o conflito, e mobilizou junto com a ESDI a opinião pública a favor da ESDI.⁹⁶ Como resultado da mobilização, o terreno não foi ocupado pela ABC e iniciou-se um longo processo junto às autoridades governamentais para solucionar o impasse.⁹⁷

Em 11 de dezembro de 1985, a APDINS realizou reunião com a Diretoria do Núcleo de Desenho Industrial/Rio – NDI/Rio, entidade constituída juridicamente em outubro de 1985. O NDI/Rio foi criado por um grupo de designers com o objetivo de dar continuidade aos trabalhos de assessoria em design, para pequenas e médias empresas, iniciada em outubro de 1983 pelo Núcleo de Desenho Industrial da Associação Fluminense de Pequena e Média Empresa – FLUPEME.⁹⁸

O Núcleo de Desenho Industrial da FLUPEME foi uma iniciativa de Maurício Robbe de Almeida, professor da ESDI e da UFRJ, e tinha como um de seus objetivos “promover o exercício profissional de estudantes, professores e autônomos” de design.⁹⁹ Em seus primeiros anos, atuaram predominantemente alunos e profissionais da UFRJ e ESDI. Com sua consolidação em 1985, diversificou-se a participação de alunos e profissionais, incluindo a presença de designers ligados à APDINS.¹⁰⁰

A reunião realizada entre APDINS e NDI/Rio teve como objetivo apresentar as críticas da Associação a atuação do Núcleo e propor ações conjuntas das duas entidades.¹⁰¹ Uma coluna para a APDINS foi aberta no jornal NDI/

96 Cf. INFORME APDINS/RJ, n. 8. *Op.Cit.* 1986, e DESIGNATIVO 1. *Op.Cit.* 1987. p. 7.

97 Em 2003, o Governo Federal anulou a doação do terreno à ABC e a ESDI iniciou ações para garantir a posse definitiva do terreno da Evaristo da Veiga. Informação dada por Freddy Van Camp, em março de 2004.

98 A FLUPEME foi criada em 1983 com o objetivo de organizar e congregar as pequenas e médias empresas do Estado do Rio de Janeiro. Cf. NDI/RIO INFORMA. Ano 2, n. 2, jun. 1986. Rio de Janeiro: NDI/Rio.

99 NDI/RIO INFORMA. Ano 1, n. 1, nov. 1985. Rio de Janeiro: NDI/Rio. p. 2.

100 Em novembro de 1985 constituíam a diretoria do NDI/Rio: Maurício Robbe de Almeida, Lúcia Ottoni (UFRJ), Sidney Freitas (PUC), Maria Egle (ESDI), e Vicente Cerqueira (UFRJ). Cf. NDI/RIO INFORMA, n. 1. *Op.Cit.* 1985. Em 1986, entraram para a Diretoria Anamaria de Moraes e Nilson Santos, que foram membros da Diretoria da APDINS de 1981 a 1984. Cf. NDI/RIO INFORMA, n. 2. *Op.Cit.* 1986.

101 Bitiz explica que a APDINS criticava a maneira como estava sendo estruturada a inserção do estudante nas empresas. O sistema funcionaria à semelhança da residência do estudante de medicina em um hospital. No caso do Núcleo, o estudante de design “residi-

Rio Informa, editado pelo Núcleo, e as atividades do NDI/Rio foram divulgadas para os sócios da Associação.¹⁰²

Em 1987, cumprindo decisão tirada no 4º ENDI, a APDINS-RJ realizou mudanças no Estatuto com a finalidade de passar à denominação de APDI-RJ.¹⁰³ O único jornal editado pela gestão de 1985/1988, o Designativo 1, de fevereiro de 1987, já trazia em sua capa as duas nomenclaturas da Associação: APDI-RJ e APDINS-RJ (Figura 4.5). A assembleia geral ordinária realizada na ESDI, no dia 24 de março de 1987, votou o novo nome da Associação e propôs algumas mudanças básicas no Estatuto, relativas aos cargos dirigentes: a) redução do número de integrantes na Diretoria, passando a presidente, vice-presidente, sete diretores e seis conselheiros fiscais; b) à Diretoria caberia nomear o Conselho Consultivo, que deveria ter no máximo 10 membros, não havendo necessidade de ser profissional de desenho industrial; c) o mandato do Conselho seria arbitrado pela Diretoria; d) mudança do tempo de mandato da Diretoria, de 2 anos para 18 meses.¹⁰⁴ Porém, o Estatuto só entraria em vigor “a partir da data da posse da próxima Diretoria, eleita nos termos deste Estatuto”.¹⁰⁵

Duas alterações no Estatuto demonstram, a nosso ver, que se queria confirmar que a APDI-RJ não possuía o caráter cultural das ADIs. Primeiro, retirou-se o parágrafo único do Artigo 5, que definia que poderiam “ser estabelecidos novos critérios de admissibilidade, de forma a beneficiar aqueles que, pela sua atividade específica, no campo do Desenho Industrial, tenham interesse em se associar”.¹⁰⁶ Desse modo, apenas os designers reconhecidos pela sua graduação

ria” na empresa. A APDINS reivindicava que o sistema permitisse que o estudante entrasse para a empresa para aprender, e não liderar um projeto, como tinha ocorrido em alguns casos que foram identificados pela Associação (junto a empresários). A liderança projetual por parte do estudante inexperiente poderia comprometer a imagem de eficiência da classe profissional. A APDINS sugeria um tempo de estágio, de pelo menos seis meses na indústria, antes de liderar projetos na empresa, e que houvesse acompanhamento mais frequente de um profissional, junto à empresa que tivesse o aluno de Design. Entrevista realizada com Maria Beatriz Afflalo Brandão. *Op.Cit.* 2004.

102 Em 1984 o Núcleo de Desenho Industrial da FLUPEME já tinha sido objeto de atenção da APDINS-RJ. Uma matéria sobre a FLUPEME e as propostas do NDI-FLUPEME foi publicada no JORNAL DA APDINS-RJ, n. 10. *Op.Cit.* 1984.

103 A ACVDI, em 1986, também seguiu a decisão 4º ENDI e mudou seu nome para APDI-MG. BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DOS DESENHISTAS INDUSTRIAIS DE MINAS GERAIS. Belo Horizonte: APDI-MG, ano 1, n. 5, dez. 1985.

104 Ata da assembleia geral ordinária, realizada na ESDI dia 24 de março de 1987. Durante 30 dias consecutivos, foram colhidas assinaturas de sócios para ampliar o apoio às mudanças sugeridas. Em 23 de abril encerrou-se a coleta, totalizando 59 assinaturas.

105 Estatuto da Associação Profissional dos Desenhistas Industriais – APDI. Rio de Janeiro: APDINS-RJ. Aprovado em assembleia geral de 24 de março de 1987.

106 Estatuto da APDINS-RJ. *Op.Cit.* 1978.

ou pela prática projetual em 5 anos ininterruptos poderiam se associar. Eliminava-se a possibilidade de flexibilização posterior dos critérios para admissão de sócios. Segundo, o cargo de diretor cultural era extinto e suas funções de promoção de realização de cursos, seminários, exposições, palestras e conferências foram alocadas no cargo de diretor técnico, criado pelo Estatuto de 1987. O diretor técnico respondia também pelos “assuntos de natureza técnica” e supervisionava o Conselho Consultivo.¹⁰⁷

Uma supressão demonstra adaptação ao cenário do campo do design do final dos anos 1980 e especifica mais o caráter profissional: retiravam-se dos deveres da Associação a fundação e a manutenção de “escolas dedicadas ao ensino de Desenho Industrial”.¹⁰⁸ Após sua contribuição para a luta pelo currículo mínimo, a Associação deixava para as escolas e para a mobilização própria dos docentes as questões relativas à graduação em Design.

Uma inclusão no Estatuto refletia a situação das lideranças que tinha sido marcada por frequência irregular dos diretores nas reuniões de 1986 e 1987: era prevista a perda do mandato do “membro da Diretoria que sem causa justificada” deixasse de exercer suas atividades por 30 dias consecutivos ou deixasse de “comparecer a mais de três reuniões da Diretoria consecutivas”.¹⁰⁹ Nos demais artigos, a Associação permanecia com a mesma configuração.

107 Estatuto da APDI. *Op.Cit.* 1987.

108 Estatuto da APDINS-RJ. *Op.Cit.* 1978. Artigo 3, alínea “d”.

109 Estatuto da APDI. *Op.Cit.* 1987. Artigo 23, alínea “a” e “b”.



Figura 4.5 Capa do jornal Designativo n. 1, de 1987.

O Designativo 1 foi projetado por Joaquim Redig, do Conselho Editorial, representando um esforço de consolidar os meios de divulgação da Associação através da tentativa de se reimprimir um jornal em formato ofício. Por problemas de verbas e falta de patrocínio, desde setembro de 1985 a divulgação das atividades da APDINS-RJ vinha sendo feita por boletins informativos que abrangeram 9 edições numeradas até o início de 1987.¹¹⁰ A divulgação do design para a sociedade tinha sido feita, até essa mesma data, também por meio da participação da APDINS em alguns programas de televisão e rádio, e cartas a jornais de grande circulação.¹¹¹

Entretanto, o jornal não volta a ser editado. Em 1987 agrava-se a situação de diminuição da participação dos diretores no cotidiano da Associação. Após intensa atividade, de meados de 1985 ao final de 1986, a Diretoria começou a não contar com todos seus membros nas reuniões periódicas na sede. Além disso, volta-se a ter problemas com as contribuições financeiras dos sócios.

Toda essa situação ficou evidenciada na desistência da APDINS-RJ de participar do evento “Rio Tecnologia – Mostra Nacional de Tecnologia”, no final de 1986. A APDINS-RJ foi convidada para montar uma exposição de trabalhos sobre design. Entretanto, devido à pouca participação dos sócios e à falta de verbas, a Diretoria decidiu não montar a exposição.

A carta enviada aos sócios comunicando a desistência demonstra a frustração da liderança da Associação:

A APDINS, em meio a todo esse processo de tentar se fazer presente num evento no qual estarão presentes centenas de empresários e possíveis clientes, teve que parar para saber como ia subsistir já que seus associados, de maneira geral, não cumprem com a responsabilidade mínima de pagamento mensal de Cz\$ 35,50.¹¹²

Entretanto, segundo Bitiz, os eventos culturais promovidos pela APDINS-RJ nunca estiveram vazios. Faltavam, sim, sócios para ajudar a organizar e trabalhar nas atividades.

O ritmo da Diretoria já não era o mesmo no início de 1987. Bitiz informa que ao final da gestão eram seis ou sete diretores que “levavam” a APDINS-RJ em suas atividades. A presença de diretores passou a não ter a mesma composição nas reuniões periódicas da Diretoria. Bitiz acredita que as causas para esta inconsistência na participação de diretores eram variadas e dentro da “conjuntura” da época.

110 Cf. DESIGNATIVO 1. *Op.Cit.* 1987. p. 12. O jornal contou com o patrocínio da RAI-NER Fotolitos e da Copiadora Pinto Bastos.

111 Como, por exemplo, o programa ‘Sem Censura’, da TVE, e ‘Encontro com a Imprensa’, da Rádio Jornal do Brasil AM. Cf. DESIGNATIVO 1. *Op.Cit.* 1987. p. 10.

112 Carta aos associados, de 4 de novembro de 1986. Assina Maria Beatriz Afflalo Brandão como presidente da APDINS-RJ. 2 páginas datilografadas.

Bitiz lembra que “teve gente que saiu para fazer mestrado” e que passou a não ter tempo para estudar e cuidar das funções da Diretoria simultaneamente. Outros, como a própria Bitiz, exerciam docência em cursos de Design e mantinham em paralelo a atividade profissional no mercado como autônomo ou em escritório.¹¹³ Tocando escritório profissional próprio estava quase a metade dos diretores, e justamente os profissionais mais antigos e experientes na APDINS-RJ como Joaquim Redig, Paulo Milton Barreira (Peême), Ana Luísa Escorel, José Abramovitz, Evelyn Grumach e Valéria London.¹¹⁴ Alguns outros diretores trabalhavam sob contrato de trabalho.¹¹⁵

Bitiz ressalta que o trabalho na Diretoria era voluntário e que as pessoas tinham suas atividades em paralelo.¹¹⁶ A falta de regularidade na presença das mesmas pessoas em todas as reuniões provocava um desgaste entre os diretores devido à falta de continuidade das tarefas. Era comum, no final da gestão, surgirem ideias e sugestões para novas atividades, mas era difícil ter alguém para assumir sua realização e efetivá-las em um trabalho regular e contínuo.¹¹⁷ Bitiz considera que tal situação “exauriu um pouco” o ânimo das pessoas que atuavam mais frequentemente na Diretoria no final da gestão.¹¹⁸

Mesmo com as dificuldades financeiras, a Diretoria conseguiu manter a sede alugada e uma secretária. Porém, a eleição para uma nova Diretoria¹¹⁹ não se realiza em 1987 porque “ninguém queria assumir” uma nova chapa. A solução só acontece ao final de 1987, quando a Diretoria em exercício convida Túlio Mariante para compor a chapa para a eleição. Bitiz explica que Túlio vinha fre-

113 Nesta situação, Bitiz se lembra de Regina Célia Pereira e Joaquim Redig. Entrevista realizada com Maria Beatriz Afflalo Brandão. *Op.Cit.* 2004.

114 *Id. Ibid.*

115 Nesta categoria estavam Diva Maria Araújo no INT, Luiz Otávio Bittencourt (Lula), desde 1984, no escritório de Joaquim Redig e Gláucia no escritório de Túlio Mariante.

116 Esta ‘dupla jornada’ já era mencionada pela presidente da Associação na coluna da APDINS, em 1986, ao convocar os sócios para participar da entidade: “Mas tudo isso requer muito trabalho, de uma diretoria – toda ela atuante profissionalmente. Tudo isso requer um tempo, que às vezes não temos, fabricamos”. Cf. NDI/RIO INFORMA, n. 2. *Op.Cit.* 1986.

117 Bitiz cita até mesmo o caso de sócios que iam às reuniões, davam ideias de atividades para a APDINS executar, mas não queriam ser os seus realizadores, ou como definiu em suas próprias palavras: “não queriam carregar o piano”. Entrevista realizada com Maria Beatriz Afflalo Brandão. *Op.Cit.* 2004.

118 Estes diretores eram justamente os mais antigos na vida da APDINS: Valéria London, Joaquim Redig, Diva Maria Araújo, Isabella Perrota, Evelyn Grumach, Ana Luísa Escorel, Ivan Ferreira e Bitiz. Os mais novos, com o passar dos anos, iam “sumindo” ou rareando a presença. Entrevista realizada com Maria Beatriz Afflalo Brandão. *Op.Cit.* 2004.

119 *Id. Ibid.* O desgaste sofrido ao final da gestão, com problemas de verbas e a redução de pessoas atuantes, levou ao questionamento da própria existência da Associação.

quentando as reuniões da Diretoria há algum tempo e, além disso, tinha sido um dos fundadores da Associação. Portanto, possuía antigos laços com os diretores em exercício. O próprio Túlio Mariante diz que, dentre os motivos para voltar a frequentar com mais intensidade a APDINS-RJ, na gestão de Bitiz, estava a amizade que tinha com vários diretores.¹²⁰

A gestão de 1985/1988 manteve suas atividades até o final do mandato, no início de 1988, cobrando mensalidades atrasadas, divulgando concursos e a eleição para a nova Diretoria, que seria realizada em Assembleia Geral, no dia 8 de março de 1988.

4.2 A ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DOS DESENHISTAS INDUSTRIAIS – APDI

4.2.1 A GESTÃO DE 1988/1989

A nova Diretoria foi eleita na Assembleia Geral, realizada na sede do IAB/RJ, situada na Avenida Rio Branco, n. 277. Quinze pessoas ocuparam seus cargos, conforme rege o Estatuto aprovado em 1987. Mais uma vez, a Diretoria era formada por novos designers e antigos articuladores da APDINS-RJ.¹²¹ A maioria dos profissionais também era oriunda da ESDI, nessa nova formação. As novidades eram as presenças de dois jovens designers formados pela Faculdade Silva e Souza, e de um técnico diagramador do Jornal do Brasil. Carlos Eduardo Valente e Luiz Cláudio Franca Barros tinham estudado na Silva e Souza na época em que Bitiz ministrava aulas.¹²² Rui Dias de Carvalho conheceu Túlio Mariante na época em que ambos trabalharam no Jornal do Brasil. Como a Associação já

120 Túlio tinha ido morar em Brasília em 1980 e só retornou ao Rio de Janeiro em 1982. Apesar de manter contatos com a APDINS-RJ, ele acompanhou pouco as atividades da Associação até 1985, quando funda seu escritório, após sair do Jornal do Brasil, onde começou a trabalhar em 1974 por indicação de Aloísio Magalhães. Entrevista realizada com Túlio Mariante, em 3 de julho de 2004, na cidade do Rio de Janeiro, com 1 hora de duração.

121 Os ‘antigos’ designers da APDINS-RJ, formados pela ESDI, concentraram-se no Conselho Fiscal. Porém, estão presentes, em menor número, nos cargos principais da Diretoria: Diva Maria Pires e Paulo Milton Barreira. Nova na direção da entidade, mas também oriunda da geração dos anos 1970 da ESDI, encontrava-se Sonia Susini, formada em 1977. Luís Otávio (Lula) tinha se gradua na ESDI, em 1984, entretanto, como frequentava a APDINS-RJ desde os tempos de estudante, pôde ser considerado um ‘veterano’ da APDINS-RJ em 1988. Lula, desde 1984, trabalhava para Joaquim Redig.

122 Estes dois profissionais frequentavam a APDINS desde a época em que eram estudantes. E, a partir do contato com Bitiz, inseriram-se na chapa de Túlio Mariante.

não carregava mais a sigla ‘NS’, de Nível Superior, Rui foi admitido na Diretoria como um designer ‘formado’ pela prática profissional.¹²³

A presidência ficou com Túlio Mariante e a vice-presidência com Luiz Otávio Bittencourt (Lula). Nos demais cargos; diretoria administrativa, Sônia Maria Susini Ribeiro; diretor técnico, Paulo Milton Barreira (Peême); diretor de informação, Carlos Eduardo Valente; diretor de edição, Denise Gonçalves Westin; diretor de divulgação, Rui Dias de Carvalho; diretor de promoções, Luiz Cláudio Franca Barros; e diretor financeiro, Diva Maria Pires Ferreira. O Conselho Fiscal foi composto com três titulares (Valéria Munk London, Joaquim Redig e Ivan Ferreira) e três suplentes (Lia Mônica Rossi, Maria Beatriz Afflalo Brandão (Bitiz) e José Carlos Conceição).

Na própria Assembleia Geral de 08 de março de 1988, Túlio Mariante expôs o perfil de gestão que pretendia para a APDI-RJ:

Falou da necessidade de tornar a secretaria da Associação mais ágil e de fazer um plano financeiro usando a imaginação para obter recursos. Falou também da necessidade de divulgação da profissão como um todo e da conquista de novos esforços no mercado de trabalho; mostrou também a intenção de fazer da Associação a “casa dos designers”, oferecendo várias modalidades de serviços e propôs como atividades que poderão ser realizadas o “portfólio do Rio de Janeiro”, exposições de trabalhos profissionais, cursos de vários níveis, convênios editoriais, premiações, etc; lembrou, porém, que tudo isso só será possível com a participação de todos.¹²⁴

Túlio admite que sua gestão na APDI se orientou mais por um perfil cultural de Associação, e que esse perfil era coerente com o modelo cultural que ele preferia para a APDINS-RJ na época de sua fundação. Porém, Túlio não era contra a formação de um sindicato. Apenas acreditava que a Associação cultural atrairia mais designers para as questões em discussão.¹²⁵

Mais uma vez, uma das primeiras ações da nova Diretoria foi tentar o equilíbrio financeiro. Em março de 1988, apesar de o saldo financeiro ser positivo, a receita obtida não era considerada “suficiente para cobrir as despesas mensais da Associação”.¹²⁶ A mensalidade foi mantida no valor de um terço de OTN, e

123 Entrevista realizada com Túlio Mariante. *Op.Cit.* 2004.

124 Ata da Assembleia Geral Ordinária, realizada no dia 08 de março de 1988, no IAB/RJ. Rio de Janeiro, APDI-RJ, 1988.

125 Segundo Túlio Mariante, o caráter pré-sindical da APDINS-RJ não contava com a opinião unânime dos designers. Entretanto, o ex-presidente da APDI afirma que “qualquer mobilização era positiva” e, por isso, fortalecia a mobilização dos designers pela APDINS-RJ. Entrevista realizada com Túlio Mariante. *Op.Cit.* 2004.

126 Ata da Assembleia Geral Ordinária, realizada no dia 8 de março. *Op.Cit.* 1988.

uma campanha de convocação dos sócios em atraso foi iniciada. Entretanto, a arrecadação não subiu o suficiente para evitar outra mudança de sede. Em julho de 1988, o aluguel da sala da Rua Professor Alfredo Gomes é reajustado e a Diretoria decide alugar outro imóvel.

A nova sede foi instalada no Largo do Machado, n. 8, sala 1102.¹²⁷ O espaço foi dividido com a Livraria Riobook's, especializada em livros de design, artes e arquitetura. Essa livraria, segundo Bitiz, alugara uma sala ao lado da sala da APDINS-RJ, no endereço da Rua Professor Alfredo Gomes.¹²⁸ A parceria no aluguel trazia vantagens para ambos os lados, já que para a livraria era interessante divulgar seus livros entre os sócios da Associação e a APDINS-RJ poupava recursos.

A filiação de novos sócios se apresentava lenta nos primeiros meses da nova gestão.¹²⁹ Um novo problema veio a dificultar a arrecadação: em agosto de 1988, a APDI/RJ anunciava que a rede bancária não efetuará mais a cobrança das mensalidades. Em janeiro de 1989, a Diretoria explicava que os bancos achavam as mensalidades baratas e os associados muito poucos, o que não justificaria a emissão de carnês. Os pagamentos eram realizados na sede da APDI ou por meio de cheque nominal cruzado. A partir de janeiro de 1989, o recebimento de pagamentos foi gerenciado diretamente por Túlio Mariante e Sonia Susini, uma vez que a secretária Maria Neo tinha deixado a Associação.¹³⁰

Nesse mesmo mês de janeiro de 1989, na metade do mandato, a Diretoria resolveu mudar de sede mais uma vez. A sede permaneceu no Largo do Machado, mas no prédio da Galeria Condor, sala 508. Junto com a APDI se transferiu a Livraria Riobook's, mantendo a divisão de espaço e aluguel. Esse seria o endereço final da APDI/RJ até sua desarticulação em 1992.

Apesar de todas essas dificuldades, a Diretoria estava motivada a reerguer a Associação e a marcar com muitas realizações e comemorações os 10 anos de existência da entidade. Ironicamente, os eventos promovidos pela Diretoria estavam sempre cheios. Além disso, o ano de 1988 era o da promulgação da Nova Constituição, com a qual se acreditava que “as associações terão a oportunidade de manifestar-se em defesa de causas coletivas, interferir e participar das decisões do poder público”.¹³¹ Esperava-se que todo esse cenário, interno e externo à Associação, poderia motivar as pessoas a participar e fortalecer a APDI/RJ.

127 INFORME. Rio de Janeiro: APDI/RJ, agosto de 1988. 1 página.

128 Entrevista realizada com Maria Beatriz Afflalo Brandão. *Op.Cit.* 2004.

129 A APDI/RJ registrava quatro novos sócios em maio, três em junho e nove em julho. Cf. INFORME. Rio de Janeiro: APDI/RJ, maio de 1988. 1 página. INFORME, agosto. *Op.Cit.* 1988.

130 INFORME. Rio de Janeiro: APDI/RJ, janeiro de 1989. 2 páginas.

131 INFORME. Rio de Janeiro: APDI/RJ, setembro de 1988. 2 páginas.

Alegria era o sentimento com o qual Túlio Mariante queria marcar sua gestão. Túlio diz que gostaria de relacionar o trabalho alegre ao bom design brasileiro: objetos bons e alegres para tornar as pessoas mais felizes.¹³² E a descontração seria o mote para incentivar o otimismo e a criatividade na administração das atividades da Associação.

A Diretoria manteve seu público a par das atividades da APDI/RJ por meio de Informes e cartazes em formato ofício. A maioria dos Informes foi patrocinada por empresas de fotocomposição e reprografias, o que economizava recursos financeiros. Os eventos promovidos pela APDI/RJ serviam também como oportunidades de arregimentar sócios e receber pagamentos.

O grande evento social da gestão de 1988-1989 foi a comemoração dos 10 anos da Associação, que se realizou no Umuarama Gávea Clube, dia 19 de novembro de 1988. Segundo seus organizadores, à festa, que foi um sucesso, compareceu “gente que não conhecíamos e gente que não víamos há muito tempo”.¹³³

Com a festa de 10 anos, fica claro que para a Diretoria, e provavelmente para muitos dos associados que frequentavam a Associação, a APDI/RJ era uma extensão da APDINS-RJ. As mudanças no Estatuto, em 1987, não tinham configurado, em essência, outra associação.

A maioria dos eventos culturais, como palestras e debates promovidos pela Diretoria, ocorreu na nova sede do IAB, inaugurada no início de 1988. A sede está localizada próxima ao Largo do Machado, na Rua Pinheiro, n. 10. A APDI esteve presente à inauguração dessa sede dos arquitetos, cumprindo uma das últimas atividades da gestão de Bitiz.¹³⁴ Em 1978, a APDINS-RJ e o IAB tinham promovido mesas-redondas sobre a atuação do arquiteto e do designer, quando Luiz Paulo Conde era o presidente do IAB, na antiga sede dos arquitetos. A proximidade das novas sedes de ambas instituições facilitou a parceria em eventos entre a APDI e o IAB.

Entretanto, a parceria foi retomada por meio da proximidade pessoal entre alguns arquitetos e designers. Túlio Mariante tinha estabelecido relações profissionais e de amizade com vários arquitetos a partir de trabalhos de sinalização e da participação no júri da premiação anual do IAB-RJ.¹³⁵ Havia uma categoria de desenho industrial na premiação do IAB-RJ, e Túlio tinha sido convidado algumas vezes para ser do júri dessa categoria. Assim, a amizade com diretores do IAB da época facilitou a realização eventos da APDI na sede dos arquitetos ou que fossem promovidos em conjunto.

132 Entrevista realizada com Túlio Mariante. *Op.Cit.* 2004.

133 A festa foi sugestão de Isabella Perrota, que organizou o evento apesar de não estar mais como diretora da APDI/RJ. A festa contou com o sorteio de livros importados, oferecidos pela RioBooks's. INFORME, janeiro de 1989. *Op.Cit.* 1989.

134 INFORMATIVO DA APDI-RJ. Rio de Janeiro: APDI/RJ, jan/fev, 1988. 2 páginas.

135 Entrevista realizada com Túlio Mariante. *Op.Cit.* 2004.

A premiação anual do IAB-RJ passou a contar com o apoio institucional da APDI. O prêmio da categoria “Desenho Industrial aplicado à Arquitetura” foi aberto aos associados da APDI, que indicou José Abramovitz para o júri da categoria em 1988. No mesmo ano, ganharam o prêmio de desenho industrial os designers Peême de Alencar Barreira e Cláudia Rosa, com o projeto de sinalização do Edifício Sede da White Martins do Rio de Janeiro.¹³⁶ E, em 1989, Joaquim Redig e Lula Bittencourt ganharam o prêmio da categoria de desenho industrial que, em 1988, tinha sido batizado de “Prêmio Aloísio Magalhães”.¹³⁷

Segundo Túlio Mariante, os eventos realizados na sede do IAB, no Largo do Machado foram um sucesso, contando com a presença de até 250 pessoas em alguns deles. O público era, na maioria, profissionais e estudantes de Desenho Industrial. Destacamos, entre esses eventos, os encontros para debates sobre moda, projeto editorial, design de embalagens e sinalização.¹³⁸

O debate sobre equipamentos urbanos, realizado em 28 de março de 1989, reuniu arquitetos, designers e representantes da prefeitura.¹³⁹ Como consequência do evento, um grupo de trabalho foi criado por representantes da FAMERJ, IAB e APDI “para a formação de um documento sobre as Interferências na Orla Marítima do Rio de Janeiro”.¹⁴⁰ O documento seria encaminhado, posteriormente, ao prefeito Marcelo Alencar. A APDI tentava, assim, interferir nas esferas governamentais, mais uma vez.

136 INFORME, janeiro de 1989. *Op.Cit.* 1989.

137 INFORME. Rio de Janeiro: APDI/RJ, dezembro de 1989. 2 páginas.

138 O encontro sobre sinalização ocorreu em 30 de junho de 1988 e contou com a participação de Ivan Ferreira, Nair de Paula Soares, Peême de Alencar Barreira (este era Paulo Milton assumindo seu nome profissional) e Túlio Mariante. *Informe* de agosto de 1988. Rio de Janeiro: APDI/RJ, 1988. Em 18 de agosto de 1988, o debate de Design de Embalagens foi realizado com os expositores Eduardo Barroso, coordenador do Laboratório de Desenho Industrial de Santa Catarina e Celso Santos, coordenador de marketing da Metalúrgica Aladin, com a mediação de Diva Maria Pires Ferreira. O debate sobre Projeto Editorial contou com a participação do editor Afonso Henriques de Guimarães Neto e dos designers Bitiz Afflalo Brandão e Sílvia Steinberg, em 29 de setembro de 1988. Cf. INFORME. Rio de Janeiro: APDI/RJ, novembro de 1988. Em 22 de junho de, houve a mesa-redonda com Evelyn Grumach, Felipe Eduardo e Sérgio Luizzi sobre Design e Moda.

139 A mesa-redonda foi composta pelos arquitetos Paulo Casé e Adir Kasiss, pelos designers Joaquim Redig e Ivan Ferreira e Eduardo Chany (Secretário da Fazenda) e um representante da RIOTUR, do qual não há referências sobre a identidade. Cartazete de divulgação do evento. Formato ofício. Rio de Janeiro. APDI-RJ, 1989.

140 INFORME. Rio de Janeiro: APDI/RJ, maio de 1989. O documento deveria apresentar críticas sobre a “ocupação desordenada e predatória” da orla e “formular diretrizes gerais para qualquer intervenção, como consulta a desenhistas industriais no que se refere a equipamentos”.

Outra parceria estabelecida pela APDI foi o curso de sinalização em convênio com a Universidade Santa Úrsula. O curso foi ministrado por Joaquim Redig e Túlio Mariante no segundo semestre de 1989.¹⁴¹

No campo das relações institucionais, a gestão de 1988/1989 esteve em contato com a ANDI para assuntos diversos. A ANDI, proposta no 4º ENDI para substituir a CN/DI, teve sua criação aprovada no 5º ENDI, realizado em setembro de 1988, em Curitiba, Paraná. A APDI-RJ designou Valéria London para representar a Associação carioca na ANDI.¹⁴² Além desse vínculo institucional, os designers cariocas, em maio de 1989, passaram a ter outro contato direto com a entidade nacional: Bitiz Afflalo tomou posse no Conselho Fiscal da agora denominada AND-BR¹⁴³ em substituição a Eduardo Barroso, que tinha pedido afastamento do cargo.

A AND-BR e a APDI-RJ atuaram juntas no episódio do Concurso Nacional de Logotipo para o Centenário da República. O concurso foi realizado pela Assessoria da Presidência da República, em 1989. Valéria London representou a AND-BR no júri formado por cinco membros.¹⁴⁴ O concurso foi vencido pelos designers Victor Burton e Isabella Perrota. Porém, devido a problemas na organização do concurso, constatados por Valéria London, a AND-BR e a APDI-RJ encaminharam críticas aos organizadores. As Associações criticavam o caráter mais político nas decisões do júri e o fato de o concurso ser aberto à participação popular, o que poderia prejudicar “o nível técnico dos trabalhos apresentados”. Mesmo assim, apoiavam os vencedores do concurso e isentavam-nos de qualquer relação aos problemas identificados. Também recomendavam que as entidades promotoras de concursos devessem recorrer à “assessoria de profissionais da área em questão” (designers) para “a elaboração correta dos regulamentos de concursos”.¹⁴⁵

141 INFORME. Rio de Janeiro: APDI/RJ, junho de 1989. 1 página.

142 INFORME, novembro. *Op.Cit.* 1988. A APDI-RJ participou do grupo de trabalho do 5º ENDI que aprovou a criação do ANDI. Representando a APDI-RJ estavam presentes Túlio Mariante (como presidente), Valéria London e Joaquim Redig.

143 INFORME, maio. *Op.Cit.* 1989. Logo após a sua criação, a ANDI, seguindo orientação do 5º ENDI, que decidiu que os desenhistas industriais passariam a ter a nomenclatura de designers, muda seu nome para Associação Nacional dos Designers do Brasil – AND-BR.

144 Os demais membros do júri eram: Ministro da Cultura, José Aparecido; Assessor da Presidência da República, Virgílio Costa, um representante da Associação Brasileira de Propaganda e um representante da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão. Carta de 17 de outubro de 1989. Assinada por Valéria London, João Roberto Peixe (Nascimento) – presidente da AND-BR, Túlio Mariante – presidente da APDI-RJ, Beatriz Afflalo – consultora da APDI-RJ, Victor Burton e Isabella Perrota, vencedores do concurso. Rio de Janeiro: AND-BR/APDI-RJ. 2 páginas datilografadas.

145 Carta de 17 de outubro de 1989. *Op.Cit.* 1989. Pena que a presença de entidades de designers não se compareceu à votação da marca gráfica da Copa do Mundo de 2014. Re-

A mudança da nomenclatura da profissão para design foi discutida no workshop “Ensino de desenho Industrial nos anos 90”, realizado de 25 a 27 de julho de 1988, em Florianópolis.¹⁴⁶ Compareceram ao evento representantes “de todas as escolas brasileiras de design”.¹⁴⁷ E, entre esses, estavam docentes que também eram ligados à APDI-RJ, como Joaquim Redig. Os docentes presentes resolveram criar a Associação Brasileira de Ensino de Design – ABED, para cuidar e discutir as questões gerais sobre o ensino e representar nacionalmente a categoria docente e as escolas de Design. Sobre essas questões incidia o fato de que, no mesmo ano de 1988, foi implantado o currículo mínimo com as habilitações em Programação Visual e Desenho de Produto.¹⁴⁸ A primeira versão desse currículo tinha sido proposta no 1º ENDI, que definiu a nomenclatura do curso como Desenho Industrial sem considerar a palavra design como nome da profissão. Nota-se um intervalo de quase 10 anos entre a implantação e a primeira proposta da classe, fruto dos problemas de organização dos designers.

As decisões do workshop foram noticiadas pela APDI-RJ, que promoveu uma “Assembleia da Nomenclatura” para discutir a posição dos associados e remetê-las ao 5º ENDI.¹⁴⁹

O 5º ENDI, em Curitiba, foi promovido pela Associação dos Desenhistas Industriais do Paraná – ADI-PR e realizado na PUC-PR, de 29 de agosto a 3 de setembro de 1988. A APDI-RJ apoiou o evento divulgando sua realização e promovendo debates no Rio de Janeiro sobre o tema do encontro: “Caos: a discussão da criação”. Porém, a participação da APDI-RJ foi menos intensa que nos encontros anteriores, assim como parece ter sido a participação de designers cariocas. Ao evento de Curitiba compareceram cerca de 357 pessoas,¹⁵⁰ menos que as duas

gredimos?

146 O workshop foi promovido pelo Laboratório de Desenho Industrial de Santa Catarina e contou com o patrocínio da Secretaria de Ensino Superior do Ministério de Educação – Sesu/MEC e da CAPES, com o apoio do CNPq e da revista *Design & Interiores*. Cf. REDIG, Joaquim. Ensino: um encontro histórico. *Revista Design & Interiores*. São Paulo: Projeto Editores, ano 2, n. 10, setembro/outubro de 1988. p. 108-111.

147 *Id.Ibid.*

148 A reformulação do currículo mínimo foi aprovada pelo Conselho Federal de Educação no dia 29 de janeiro de 1987. Cf. BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DOS DESENHISTAS INDUSTRIAIS DE MINAS GERAIS. Belo Horizonte: APDI-MG, ano 2, n. 6, mar. 1987. p. 4. Contribuíram para o retorno do currículo mínimo à pauta do CFE os esforços de Itiro Iida.

149 INFORME. Rio de Janeiro: APDI/RJ, agosto de 1989. 1 página. A assembleia foi feita na Faculdade da Cidade, dia 22 de agosto de 1988.

150 REVISTA DESIGN & INTERIORES. São Paulo: Projeto Editores, ano 2, n. 10, setembro/outubro de 1988. p. 111-112. Joaquim Redig, José Abramovitz e Gustavo Amarante Bomfim foram ao 5º ENDI.

edições anteriores do Encontro, em 1983 e 1985. As notícias sobre o 5º ENDI não ocuparam espaços de destaque nos Informes da APDI-RJ, se comparadas à cobertura que o 2º e 3º ENDIs receberam nos informativos da APDINS/RJ, da época. Mesmo assim, a APDI-RJ esteve presente oficialmente no 5º ENDI e promoveu reuniões para a divulgação das decisões do Encontro de Curitiba.¹⁵¹

Notícias gerais sobre o campo profissional no Brasil continuavam a ser divulgadas pela APDI-RJ. Porém, a partir de 1987, com a publicação da revista *Design & Interiores*, o campo profissional dos designers passou a contar com um veículo de notícias de abrangência nacional, que logo sistematizou a distribuição de exemplares por assinaturas enviados pelo correio. A própria APDI chegou a divulgar a existência da Revista aos associados.¹⁵² Entretanto, é certo que a APDI mantinha seus contatos institucionais e recebia informações diretamente de seus sócios mais ativos no meio profissional.¹⁵³

A ALADI continuava a ser acompanhada pela APDI-RJ, apesar da representação brasileira estar a cargo da AND-BR. A APDI-RJ divulgou informações para a participação no 4º Congresso Latino Americano de Desenho Industrial, promovido pela ALADI e realizado em Havana, Cuba, de 23 a 27 de maio de 1989. Segundo a APDI-RJ, “40 designers brasileiros entre participantes, conferencistas e delegados” estariam presentes ao Encontro.¹⁵⁴

Em relação às atividades de seus sócios no mercado de trabalho, a APDI-RJ promoveu encontros e debates sobre problemas da atuação profissional. A APDI-RJ manteve a divulgação da oferta de empregos e estágios e promoveu reuniões para discutir ética profissional e remuneração.¹⁵⁵

Um grupo de discussão sobre remuneração iniciou reuniões periódicas em fins de 1988.¹⁵⁶ A discussão parece ter objetivado mais a remuneração de autônomos e pessoas jurídicas na prestação de serviços de design. Tanto que, em 1989,

151 Entre estas decisões, estavam a criação da ANDI, a mudança de nomenclatura da profissão para design e a criação do Encontro dos Estudantes de Design – ENEDI, que deveria se iniciar no 6º ENDI, programado para 1990, em São Paulo. Cf. REVISTA DESIGN & INTERIORES. São Paulo: Projeto Editores, ano 2, n. 10. *Op.Cit.* 1988.

152 INFORME, setembro. *Op.Cit.* 1988.

153 Entre estas notícias, destacamos a criação, em 1989, da Associação dos Designers Gráficos – ADG, em São Paulo, concursos diversos da área de design promovidos por outras instituições e o lançamento do livro “Identidade Visual – a direção do olhar”, de Gilberto Strunck, em julho de 1989.

154 Cf. INFORME, janeiro. *Op.Cit.* 1989. e INFORME, maio. *Op.Cit.* 1989. Não foram encontradas informações sobre quem seriam estes brasileiros e quantos cariocas estariam entre eles.

155 INFORME, maio. *Op.Cit.* 1989.

156 INFORME. Rio de Janeiro: APDI/RJ, novembro de 1989.

a Associação inicia reuniões de “diretores de escritórios associados à APDI”.¹⁵⁷ O movimento acaba resultando em três “Encontros de escritórios de design”, promovidos pelos “sócios da APDI-RJ titulares de escritórios”, que ocorreram nos dias 9 e 29 de março e 26 de abril na Faculdade de Cidade, Avenida Epiácio Pessoa, n. 1644 (Figuras 4.6 e 4.7). A APDI-RJ apoiou a realização dos encontros, que reuniram “35 escritórios de design do Rio de Janeiro, para discutir problemas comuns”.¹⁵⁸ Desses Encontros, formaram-se Grupos de Trabalho sobre os temas: critérios de cobrança, cláusulas contratuais, divulgação, administração de escritórios e ética profissional.

Os presentes aos Encontros estimavam que deveria haver “mais de 50” escritórios na cidade do Rio de Janeiro. E solicitavam aos sócios da APDI-RJ informações que pudessem identificar outros titulares de escritórios.¹⁵⁹

A fase da gestão de Túlio é marcada, segundo Lucy Niemeyer, pelo crescimento dos escritórios de design e pela grande participação estudantil. Cenário com o qual Túlio lidava mediante uma gestão “democrática, muito aberta”.¹⁶⁰ Seria no período de 1987 a 1989 que ficaria mais visível o movimento pelo qual alguns designers, que estavam trabalhando como empregados assalariados ou como autônomos, “passam a se estabelecer como escritórios”.¹⁶¹

157 INFORME, janeiro. *Op.Cit.* 1989. Nos grupos de trabalho de 1985, as questões relativas às remunerações de assalariados, autônomos e escritórios tiveram certa equidade de participação de sócios.

158 INFORME, maio. *Op.Cit.* 1989.

159 *Id.Ibid.*

160 Entrevista realizada com Lucy Niemeyer. *Op.Cit.* 2003.

161 *Id.Ibid.*



Figura 4.6 Cartazete do 1º Encontro dos escritórios de design, de 1989.

Ao longo da década de 1980, alguns dos principais articuladores das Diretorias da APDINS/RJ fizeram esta mudança na condição de trabalho.¹⁶² Eles vieram a se juntar aos escritórios que outros designers, das mesmas gerações de formandos das décadas de 1960 e 1970, tinham aberto alguns anos antes.¹⁶³ Este aumento no número de escritórios refletia as oportunidades de trabalho que advinham do crescimento do setor de serviços que ocorreu principalmente a partir de 1985. E deve-se considerar que em 1986 a taxa de crescimento econômico no país foi de 7,5%, percentual que só alcançado de novo em 2010.

162 Entre estes estavam Joaquim Redig, José Abramovitz, Evelyn Grumach, Valéria London, Túlio Mariante e Eliana Formiga. Esta mudança de condição profissional, ao longo da década de 1980, foi confirmada por Eliana Formiga. Entrevista realizada com Eliana Formiga. *Op.Cit.* 2002.

163 Citamos como exemplos: Gilberto Strunck, Ivan Prado e Roberto Verschleisser.

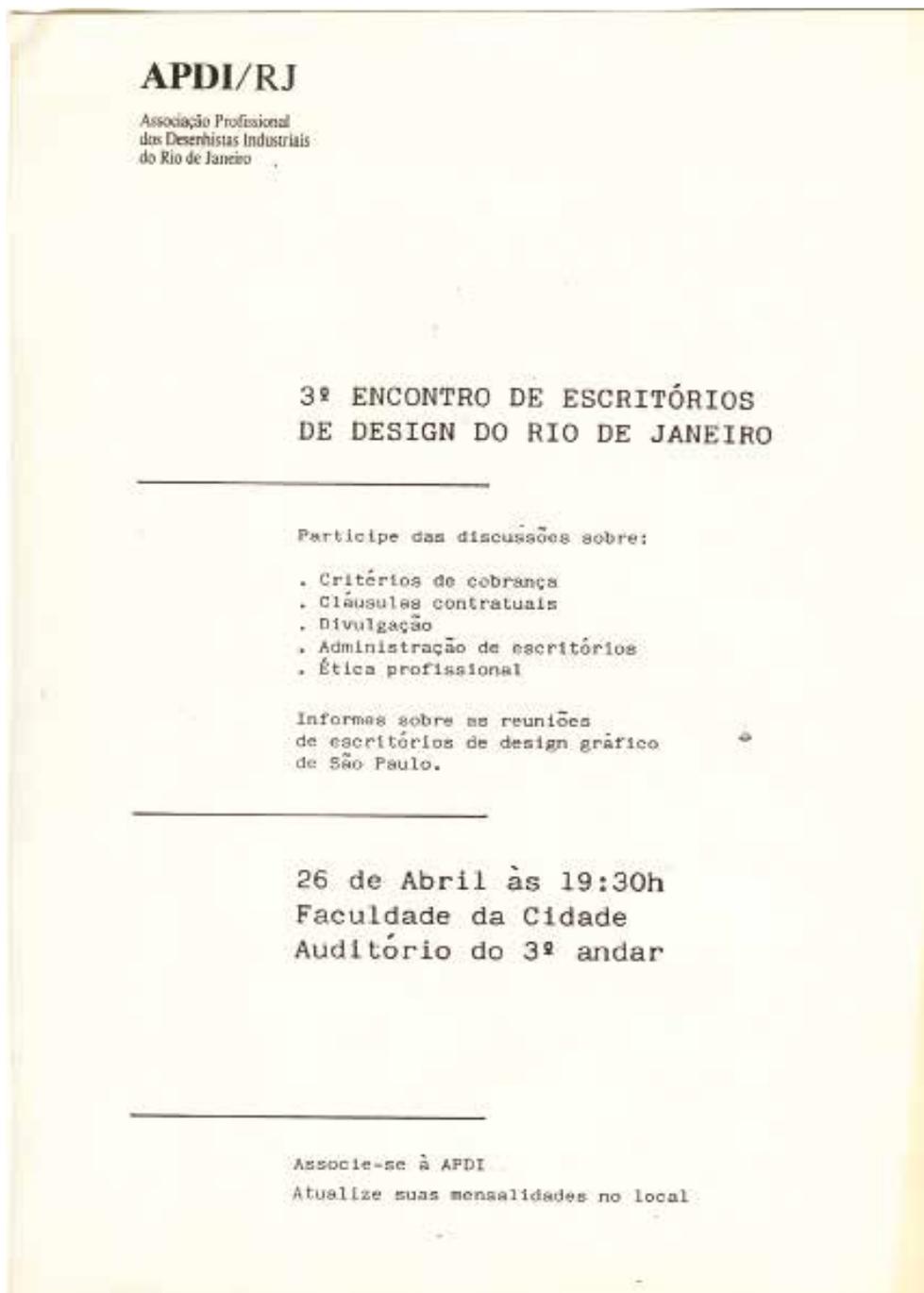


Figura 4.7 Cartazete do 3º Encontro dos escritórios de design do Rio de Janeiro.

Como entre estes “titulares de escritórios” estavam designers mais experientes e alguns ligados às Diretorias anteriores e à atual da Associação, foi natural a organização de um grupo com o apoio da APDI.¹⁶⁴ O grupo de escritórios continuou a se reunir para discutir seus interesses específicos, mais tarde, mesmo quando a APDI-RJ estava desarticulada.

Uma das marcas da busca pela renovação, da gestão de Túlio Mariante, foi a maior (e planejada) aproximação com os estudantes. Túlio explica que a participação dos alunos era “fundamental, pois serão nossos próximos colegas”. Trazê-los para o convívio da Associação era uma das formas de fortalecer a APDI. A presença dos estudantes nos eventos, como debates e palestras, era significativa.

Em meados da década de 1980, mais dois cursos de Design começaram a formar desenhistas industriais, aumentando não só o número de recém-formados, mas também o número de estudantes. A Faculdade da Cidade e a Faculdade Silva e Souza iniciaram seus cursos de Design no início da década de 1980, fazendo a cidade do Rio de Janeiro passar de três para cinco cursos. Além disso, deve-se lembrar que o cenário nacional era de mobilização estudantil no campo do design, uma vez que os estudantes no 5º ENDI propuseram a organização de seu Encontro Nacional (o ENEDI). Em 1990, os estudantes curitibanos a partir de novo movimento de realização de eventos locais acabam por articular um encontro dessa natureza e o realizam em 1991, na cidade de Curitiba, com o nome de N-Design (Cf. Fonseca e Fukushima In BRAGA & Corrêa, 2014).

Túlio lembra que a Diretoria organizou uma palestra intitulada “Tudo que você sempre quis saber sobre design e nunca teve coragem de perguntar”, feita especialmente para os estudantes de design.¹⁶⁵ A primeira aproximação oficial com os alunos parece ter sido em 24 de agosto de 1988, quando se reuniram, na sede da APDI, no Largo do Machado, “estudantes das faculdades de desenho industrial do Rio de Janeiro” para “um intercâmbio que pretendemos profícuo e permanente”.¹⁶⁶ Túlio acredita que a palestra foi levada a todas as escolas de design do Rio de Janeiro.¹⁶⁷ A palestra abordava as “questões menos ligadas ao

164 Deve-se acrescentar aí a relação de amizade entre muitos deles, que eram das gerações formadas na ESDI na década de 1970. Eliana Formiga lembra que participou da reunião anterior aos três encontros, na casa de Evelyn Grumach, e que havia muita gente que fora ligada à APDINS-RJ. Entrevista realizada com Eliana Formiga. *Op.Cit.* 2002.

165 *Id.Ibid.* Túlio Mariante lembra que ele era um dos palestrantes, mas não indicou quem seriam os demais.

166 INFORME. Rio de Janeiro: APDI/RJ, setembro de 1989.

167 Entrevista realizada com Túlio Mariante. *Op.Cit.* 2004. Foram encontrados registros da palestra realizada na Faculdade Silva e Souza, em junho de 1989 (INFORME, maio).

ensino e mais a prática profissional”.¹⁶⁸

A gestão de Túlio procurou, assim, relacionar-se com os dois segmentos do campo do design no Rio de Janeiro em que estavam se organizando, mais em fins da década de 1980, estudantes e escritórios. Eram atividades que visavam fortalecer a APDI-RJ.

Túlio admite que essas atividades tomaram mais atenção de sua Diretoria e que pouco se discutiu sobre o processo de sindicalização da Associação. Acreditamos que tal mudança de foco também foi auxiliada pelo fato de o projeto de regulamentação estar, na época, sob o acompanhamento institucional da AND-BR e em compasso de espera no Congresso Nacional, devido à instalação da Constituinte de 1988. Ainda assim, os designers da APDI-RJ acreditavam que a aprovação do projeto seria iminente após o término da Constituinte.¹⁶⁹

Todavia, o substitutivo encaminhado pelo deputado Mendes Botelho foi arquivado pela Mesa da Câmara dos Deputados em meados de 1989, apesar de ter conseguido dois pareceres favoráveis.¹⁷⁰ Alegava-se que os projetos em tramitação teriam que ser revistos sob os princípios da legislação da nova Constituição Federal. Em julho de 1989, a AND-BR tinha encaminhado ao deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE) pedido de reapresentação do projeto de regulamentação da profissão. O projeto tinha sofrido mudanças para adequá-lo à nova nomenclatura da profissão, decidida no 5º ENDI. Desenho de Produto e Programação Visual, habilitações clássicas da profissão no Brasil, passariam para Design Industrial e Design Gráfico, respectivamente. O deputado Maurílio Ferreira Lima informou à AND-BR que estimava ser possível conseguir a aprovação do projeto no “próximo ano”.¹⁷¹

Em outubro de 1989, iniciaram-se, na APDI-RJ, discussões sobre a formação de um plano de trabalho e de uma chapa para a futura Diretoria, a ser eleita em novembro.¹⁷²

Op.Cit. 1989), na PUC-Rio, nos dias 12 e 20 de setembro de 1989, e na Faculdade da Cidade, em 5 de outubro de 1989 (INFORME. Rio de Janeiro: APDI/RJ, outubro de 1989).

168 INFORME, maio. *Op.Cit.* 1989.

169 Cf. INFORME, setembro. *Op.Cit.* 1988.

170 Carta de 20 de julho de 1989, endereçada ao deputado Maurílio Ferreira Lima e assinada por João Roberto Costa do Nascimento Peixe como presidente da AND-BR. Recife, 1989. Papel timbrado da AND-BR.

171 Cf. INFORME, dezembro. *Op.Cit.* 1989. 2 páginas. O texto encaminhado pelo deputado Maurílio Ferreira Lima à Câmara dos Deputados ficou registrado como Projeto de Lei N. 3515, de 1989.

172 Cf. INFORME, outubro. *Op.Cit.* 1989. Reuniões com este fim foram marcadas no auditório do IAB.

A gestão de 1988 e 1989 tinha mantido a Diretoria unida em reuniões periódicas e com atividades constantes. O sucesso das atividades da gestão é assim explicado por Túlio: “porque sempre fizemos ações que eram do interesse das pessoas. Nada chato”.¹⁷³ A gestão parece ter sido bem avaliada por outros diretores membros dessa gestão, pois alguns deles continuaram interessados em continuar na direção da entidade na gestão de 1989/1991.

Entretanto, a liderança da chapa para a nova Diretoria foi entregue à Lucy Niemeyer. Túlio explica que o convite à Lucy Niemeyer foi feito porque, nas últimas reuniões da Diretoria promovidas junto aos sócios, Lucy se mostrava atuante e participante. Consideravam que ela era uma pessoa interessada nos rumos da Associação. E, além disso, Túlio afirma que “sempre arranjar o presidente da Associação não era uma coisa muito fácil”.¹⁷⁴

Por sua vez, Lucy Niemeyer esclarece que voltou a frequentar a APDINS-RJ na época da gestão de Bitiz, quando passa a trabalhar no NDI-Rio da FLUPEME.¹⁷⁵ No NDI-Rio, atuando junto à pequena empresa, é que Lucy resolve se engajar na Associação profissional. Lucy conhecia ou tinha contato com vários designers atuantes na APDINS-RJ, como José Abramovitz, Joaquim Redig e Ana Luísa Escorel.¹⁷⁶

Quando Túlio a convida para a presidência, a chapa já estava parcialmente montada. Segundo Lucy Niemeyer, Túlio queria na liderança alguém com mais maturidade e que fosse conhecido e respeitado pelos designers que, nesse caso, acreditamos deveriam ser os mais antigos da Associação.¹⁷⁷ Além disso, Lucy não tinha ainda ocupado cargos na Associação. Fato que, de certa forma, era coerente com a ‘alternância de poder’ que, segundo Humberto Costa, Túlio queria para a nova Diretoria da APDI.¹⁷⁸ A chapa foi montada, na maior parte, com pessoas novas na Associação ou na carreira profissional, e com alguns diretores da gestão de Túlio.

173 Entrevista realizada com Túlio Mariante. *Op.Cit.* 2004.

174 *Id.Ibid.*

175 Lucy Niemeyer foi convidada a participar do Núcleo por Maria Egle Cordeiro Setti, desenhista industrial formada pela ESDI, em 1979, que trabalhou no NDI-Rio, do qual foi membro da diretoria, em 1985.

176 Entrevista realizada com Lucy Niemeyer. *Op.Cit.* 2003.

177 *Id.Ibid.*

178 Entrevista realizada com Humberto Costa, em 01 de julho de 2004, na cidade do Rio de Janeiro, com 1 hora de duração.

4.2.2 A GESTÃO DE 1989/1991

Trinta e cinco pessoas assinaram a lista de presença da Assembleia do dia 20 de novembro de 1989, realizada no auditório do IAB, que elegeu a nova Diretoria para o período de 1989/1991.¹⁷⁹

Sete membros da Diretoria de Túlio Mariante continuaram em cargos da nova chapa.¹⁸⁰ Seis pessoas da nova Diretoria nunca tinham assumido cargos na Associação. Eram profissionais formados na PUC-Rio, UFRJ, UFPE e ESDI.¹⁸¹ Os dois demais membros tinham participado de Diretorias anteriores à de Túlio Mariante.¹⁸² A ESDI continuava sendo a escola com maior número de formandos na chapa eleita.

Para Lucy Niemeyer, essa composição era heterogênea e com boa presença de novos profissionais, nos cargos de diretores. Os profissionais mais antigos na Associação se concentraram no Conselho Fiscal: Luiz Blank, Joaquim Redig e Túlio Mariante, eram os titulares; Peême Barreira, Gláucia Azambuja e Anita Slade eram os suplentes. Os demais cargos foram assim compostos: Lucy Niemeyer, presidente; Humberto Costa, vice-presidente; Vicente Cerqueira, diretor financeiro; Sônia Susini, diretora administrativa; Maria do Carmo Navarro, diretora técnica; Luiz Cláudio Franca, diretor de edição; Carlos Eduardo Valente, diretor de informação; Amaury Fernandes Jr, diretor de divulgação e Luiz Otávio Bittencourt (Lula) como diretor de promoções.

Ainda assim, as relações profissionais e pessoais continuavam influenciando a composição da chapa. Os membros da Diretoria passada já tinham estabelecido uma relação de união que se consolidou com a gestão de Túlio na presidência. Humberto tinha experiência em seu cargo, pois, de 1987 a 1988, foi vice-presidente da Diretoria da APDI-PE. Em 1989, Humberto trabalhava no escritório de Túlio e motivou-se a participar da nova chapa pela união experimentada na gestão que se findava.¹⁸³ Foi Humberto que levou a amiga Maria

179 Lista de presença da Assembleia Ordinária de 20 de novembro de 1989. Anexada à ata da Assembleia Geral Ordinária de mesma data.

180 Eram eles: Sônia Susini, Paulo Milton Barreira, Luiz Cláudio Franca, Luiz Otávio Bittencourt, Joaquim Redig, Carlos Eduardo Valente e Túlio Mariante.

181 Lucy Niemeyer, Vicente Cerqueira, Maria do Carmo Navarro, Humberto Costa, Amaury Fernandez Jr. e Anita Slade. Era a segunda vez que a Associação carioca contava com um profissional formado em Pernambuco: Humberto Costa formado em 1985 pela UFPE.

182 Gláucia Azambuja e Luiz Blank.

183 Humberto Costa veio para o Rio de Janeiro, ainda em 1988, para tentar trabalhar na cidade na qual tinha parentes. Humberto já conhecia Bitiz que tinha ido realizar alguns tra-

do Carmo Navarro para a chapa.

Os dois profissionais vindos da UFRJ, Vicente Cerqueira e Amaury Fernandes, tinham cursado a EBA na mesma época. Vicente Cerqueira foi membro da Diretoria do NDI-Rio na época em que Lucy Niemeyer tinha atuado no Núcleo ligado à FLUPEME.¹⁸⁴ A indicação de Lucy para a presidência facilitou a aproximação de Vicente para a entrada na Diretoria. Entretanto, um grupo de profissionais oriundo da UFRJ deu suporte às candidaturas de Vicente e Amaury para a composição da chapa, na Assembleia Geral, de 2 de novembro.¹⁸⁵ Os antigos designers do Conselho Fiscal conheciam Lucy Niemeyer há mais tempo. Mesmo assim, a maioria da chapa estava composta quando Lucy decidiu ocupar a presidência da nova Diretoria.

Segundo Lucy, os objetivos iniciais da chapa eram: manter a mobilização das pessoas, fazer um levantamento dos profissionais, realizar eventos culturais, como cursos e palestras, e efetuar uma aproximação com o setor produtivo. Esse último item era fruto de sua experiência no NDI/Rio.¹⁸⁶

Durante o mês de dezembro de 1989, a Diretoria promoveu reuniões semanais na Faculdade da Cidade para discutir a política regional para o Design e o primeiro evento no IAB da nova gestão: no dia 20 de dezembro foi realizada a palestra “Papelo Ondulado”, com um expositor técnico da fábrica de

balhos em Recife. Bitiz viabilizou o contato de Humberto com o escritório Campo Visual, de Washington Lessa, onde começou a trabalhar em 1988. Entrevista realizada com Humberto Costa. *Op.Cit.* 2004.

184 Lembramos que, no NDI-Rio, atuavam predominantemente formandos da UFRJ e ESDI, o que possibilitou o estabelecimento de relações pessoais e profissionais entre estes profissionais. Além disso, entre as 35 pessoas presentes à Assembleia de 20 de novembro de 1989, que elegeu a nova Diretoria, encontramos um grupo de profissionais oriundos da UFRJ, que trabalhavam no NDI-Rio ou eram da mesma geração de estudantes da UFRJ que Vicente e Amaury, como José Maurício Vieira, Marcos da Costa Braga, José Luiz Pereira e José Antônio Oliveira.

185 Entrevista realizada com Vicente Cerqueira, na cidade do Rio de Janeiro, em 03 de setembro de 2004, com duração de 1 hora e 45 minutos. Entre as 35 pessoas presentes à Assembleia de 20 de novembro de 1989, que elegeu a nova Diretoria, um grupo de profissionais oriundos da UFRJ, que trabalhavam no NDI-Rio ou eram da mesma geração de estudantes da UFRJ que Vicente e Amaury, como José Maurício Vieira, Marcos da Costa Braga, José Luiz Pereira e José Antônio Oliveira.

186 Entrevista realizada com Lucy Niemeyer. *Op.Cit.* 2003. Devemos lembrar que a presença de Vicente Cerqueira na Diretoria facilitava esta intenção. Vicente trabalhou no NDI-Rio e mesmo após a extinção deste, nos fins da década de 1980, continuou a trabalhar na FLUPEME.

papelões Trombine.¹⁸⁷

A sede da APDI-RJ continuava sendo na Galeria Condor do Largo do Machado. Contudo, procurava-se aproveitar o espaço do IAB, dando continuidade à parceria de eventos, e os espaços com os quais os membros da Diretoria possuíam relações. No caso da Faculdade da Cidade, Lucy Niemeyer era docente no curso de Design. Entretanto, as primeiras reuniões da Diretoria ocorreram na sede da Associação.¹⁸⁸

O problema com o qual inicialmente a Diretoria se defrontou foi de novo o financeiro. Continuava-se sem sistema de cobrança bancária. A Diretoria eleita anunciava que os pagamentos de mensalidade deveriam ser feitos “nos eventos organizados pela APDI”, no centro da cidade, no endereço profissional do vice-presidente Humberto Costa, ou por meio de contato telefônico, com a diretora administrativa Sônia Susini.

Os contatos com os sócios ficaram difíceis e a participação de associados no cotidiano das reuniões foi escassa. Eliana Formiga lembra que em conversas com Lucy Niemeyer, na Faculdade da Cidade, constatou que a presidente da Associação queixava-se que os profissionais não queriam participar da Diretoria ou do dia a dia da Associação. Segundo Eliana, os profissionais, na época, estavam mais interessados em discutir uma tabela de preços mínimos para a prestação de serviços em design do que “um Projeto de Lei”.¹⁸⁹

Eliana tenta explicar essa mudança de foco de interesse por meio do contexto do campo naquela época: “talvez, essas pessoas, já estando inseridas no mercado, de alguma forma, já tinham encontrado seu lugar. Não estavam achando tão importante a regulamentação da profissão”.¹⁹⁰ Eliana esclarece que muitos dos designers que lutaram pela regulamentação da profissão na APDINS, como ela própria e os sócios de seu escritório, continuavam a favor da regulamentação. Porém, em fins da década de 1980, havia uma preocupação imediata “com a tabela de preços e como atender um cliente”.¹⁹¹

O movimento dos titulares de escritórios, iniciado em 1989 com o apoio da gestão de Túlio Mariante, continuou a se organizar em 1990 e 1991, e de modo independente da APDI. Eliana informa que a Associação não participava mais do movimento dos escritórios, e vários dos participantes desse movimento deixaram de ter contato ou notícias da APDI na época. Alguns deles, como seu próprio escri-

187 Cartazete de divulgação impresso pela APDI-RJ, enviado pelo correio em 15 de dezembro de 1989.

188 Entrevista realizada com Humberto Costa. *Op.Cit.* 2004.

189 Entrevista realizada com Eliana Formiga. *Op.Cit.* 2002.

190 *Id.Ibid.*

191 *Id.Ibid.*

tório, já não tinham contato com a Associação desde a gestão de Bitiz, em 1985.

Eliana explica que o movimento de escritórios se organizou mais pelas relações de amizade e profissionais, originadas na faculdade, ou entre aquelas adquiridas no convívio profissional, até mesmo dentro da APDINS-RJ nas gestões de Diretorias anteriores.¹⁹²

Lucy Niemeyer confirma que os escritórios estavam mais “afastados” da APDI no final da década de 1980. Acredita, também, que as questões relativas à regulamentação da profissão e à relação de trabalho entre empregado e patrão não eram mais os interesses que ocupariam a atenção dos escritórios cariocas de design naquela época. Lucy diz que via “muito mais presente o jovem designer e os estudantes” procurando saber o que estava acontecendo na APDI durante as duas gestões que existiram de 1988 a 1991.¹⁹³

Por outro lado, Túlio Mariante acredita que a organização dos escritórios ganhou rumos de independência por razões objetivas e técnicas que configuravam os interesses específicos das pessoas jurídicas. Túlio lembra que na APDINS sempre se discutiram os problemas de remuneração de todos os segmentos da categoria profissional. A tabela de preços teria ganhado uma importância fundamental para os escritórios. Túlio considera que era correta a mobilização feita por eles. E que não há obrigatoriedade de se encaminhar “tudo pela Associação” e, se existir “um movimento independente, que seja independente”.¹⁹⁴

Com problemas financeiros e a falta de comunicação sistemática com os sócios, a Diretoria da APDI começou a ter problemas internos.

Humberto Costa informa que um dos principais problemas da Diretoria foi os diretores não conseguirem marcar reuniões periódicas a que todos, ou a maioria, pudessem comparecer. Além da dificuldade de agenda comum, houve propostas divergentes do local das reuniões, já que os diretores moravam e trabalhavam em pontos distintos da cidade.¹⁹⁵ Nessa questão em particular, Vicente Cerqueira afirma que o principal conflito entre os membros da Diretoria teria sido a proposta que ele fez de passar a sede da APDINS-RJ para o bairro de São Cristóvão. Vicente propôs à FLUPEME que esta abrigasse a APDINS, baseado na experiência anterior

192 Entrevista realizada com Eliana Formiga. *Op.Cit.* 2002. Este modo de organização foi confirmado por Gilberto Strunck. Entrevista realizada com Gilberto Strunck, em 3 de setembro de 2004, na cidade do Rio de Janeiro, com 1 hora de duração.

193 Entrevista realizada com Lucy Niemeyer. *Op.Cit.* 2003.

194 Entrevista realizada com Túlio Mariante. *Op.Cit.* 2004.

195 Entrevista realizada com Humberto Costa. *Op.Cit.* 2004. Amaury Fernandes trabalhava na Casa da Moeda, em Itaipava. Vicente Cerqueira trabalhava na UFRJ, Ilha do Fundão. Lucy trabalhava no centro e morava na Barra da Tijuca. Humberto trabalhava no centro da cidade.

de convívio com o NDI-Rio. Essa iniciativa foi apoiada por Lucy Niemeyer, que considerava positiva a aproximação com o setor produtivo. Além disso, seriam cedidas pela FLUPEME uma sala e infraestrutura à Associação de designers. Segundo Vicente, a sede do Largo do Machado estava pequena e apertada.¹⁹⁶

Entretanto, parte da Diretoria foi contra a mudança de sede para São Cristóvão. O bairro foi considerado ‘longe’ por alguns. Porém, o que ficou mais evidenciado com o conflito foi a diferença de visão sobre o caráter associativo da entidade. Vicente e Lucy entendiam que a gestão deveria seguir caráter mais cultural e promover contatos diretos com os empresários para a divulgação do design. Entretanto, o caráter pré-sindical foi lembrado por Maria do Carmo Navarro como a característica principal da APDINS-RJ. Portanto, a diretora era contra, pois uma associação de profissionais não poderia se abrigar em uma associação patronal com interesses trabalhistas conflitantes com os desenhistas industriais.¹⁹⁷ A partir desse conflito de identidade é que as reuniões da Diretoria teriam se desestruturado no início de 1990, segundo lembranças de Vicente Cerqueira.¹⁹⁸

Humberto Costa diz que a Diretoria não conseguiu encontrar temas que envolvessem os profissionais. Lembra que, na época, o processo de regulamentação estava parado e esse era geralmente um tema que atraía muitos profissionais. Diante dessas dificuldades, uma desmotivação começou a provocar faltas dos diretores e impossibilidades de reuniões.

Humberto acredita que a desmotivação também era devido ao período político nacional da presidência de Fernando Collor, marcado pelo congelamento de contas e impactos negativos iniciais nas oportunidades de trabalho no mercado de serviços em 1990. Humberto considera que, naquele período, “as pessoas estavam desmobilizadas para qualquer discussão no País”. E que, na sociedade brasileira ocorria “uma desmobilização geral”.¹⁹⁹ Porém, lembra que no âmbito

196 Entrevista realizada com Vicente Cerqueira. *Op.Cit.* 2004. A livraria RioBook’s, que dividia o espaço com a APDINS, estava crescendo e passou a ocupar o local com estoques de publicações.

197 *Id.Ibid.* Vicente Cerqueira diz que a gestão de Túlio, com seu perfil mais cultural, o motivou a se associar à APDI e a participar da chapa de 1989.

198 *Ibidem.*

199 Entrevista realizada com Humberto Costa. *Op.Cit.* 2004. Logo após a posse na Presidência da República, no início dos anos 1990, Fernando Collor anunciou um plano econômico que ficou conhecido como ‘Plano

Collor’. O plano era composto por uma série de medidas que visariam a ‘modernização’ da economia brasileira. Entre elas, estavam o sequestro e congelamento dos ativos financeiros, incluindo-se aí a poupança, e um “programa de maciças privatizações de empresas estatais”, abertura da economia ao capital externo, reforma administrativa do Estado e

da Associação, alguns fatores foram decisivos para a desarticulação da Diretoria, como as dificuldades financeiras, a falta dos sócios nas reuniões gerais e as diferenças de opiniões entre os diretores sobre as atividades que a APDI deveria realizar. Para Vicente, o Plano Collor não foi o fator responsável pela desarticulação da Diretoria, que ocorreu, coincidentemente, a partir de março de 1990, e sim a “incompatibilidade ideológica” entre os diretores da APDINS-RJ.²⁰⁰

Lucy Niemeyer considera que o grupo formado para a Diretoria “nem era um grupo”, no sentido de pessoas coesas em relações de confiança e em relação à demanda de trabalho que a Associação exigia.²⁰¹ A presidente da APDI acredita que foi ingênua ao ter aceitado o grupo “pronto” e ter se fiado no compromisso de trabalho, assumido pelos demais diretores. Lucy esclarece que não houve ruptura com ninguém, mas que simplesmente a Diretoria foi se tornando mais ausente.

Durante alguns meses de 1990, a Diretoria não se reuniu. Não houve no período atividades na APDI.²⁰² Mesmo assim, a presidente representou a Associação em ocasiões que era solicitada a presença da APDI.

Lucy Niemeyer destaca a luta que teve para defender a presença de designers no Conselho do IPLAN, que estava, na época, cuidando de propostas para o projeto “Rio Orla”. A Prefeitura do Rio de Janeiro estava planejando reformas e não havia designers na Comissão para sugerir os projetos. Foi nesse momento que Lucy percebeu que não adiantava estar representando uma Associação, em órgãos governamentais, que, na prática, estava sem a representatividade da categoria.²⁰³

Niemeyer lembra que alguns profissionais assalariados chegaram a contatá-la, pedindo auxílio à APDI em questões sobre o piso salarial de nível superior. Lucy afirma que chegou a redigir cartas aos empregadores desses assalariados para pleitear os direitos do desenhista industrial como profissional de nível superior, e propor equivalência salarial a outros profissionais liberais, como os arquitetos.

A regulamentação da profissão não foi esquecida pela gestão. Porém, um

o fim dos subsídios fiscais. Para Mendonça e Fontes, tratava-se “de um programa neoliberal e privatizante, calcado nos mais sólidos – e autoritários – princípios da teoria monetarista convencional”. Tais medidas provocaram um “violento impacto social” e iniciaram um processo de “deslocamento de bens públicos para o setor privado”. MENDONÇA, Sônia Regina e FONTES, Virgínia Maria. *História do Brasil Recente: 1964-1992*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 1996. p. 84-85.

200 Entrevista realizada com Vicente Cerqueira. *Op.Cit.* 2004.

201 Entrevista realizada com Lucy Niemeyer. *Op.Cit.* 2003.

202 Em janeiro de 1991, a APDI informava que “por problemas internos da diretoria, estivemos ‘fora do ar’ por alguns meses”. INFORMATIVO 01.91. Rio de Janeiro: APDI-RJ, 1991. Formato ofício, dobrado.

203 Entrevista realizada com Lucy Niemeyer. *Op.Cit.* 2003.

episódio, a respeito da regulamentação profissional narrado pela presidente da Associação, talvez ilustre o pensamento empresarial e governamental em 1990, quando Fernando Collor era presidente da República. Niemeyer recorda que tinha, na época, “um grupo de relações pessoais que ocupava altíssimos postos na Confederação Nacional da Indústria – CNI”.²⁰⁴ Por meio de relações de amizade, consultou um dos amigos da CNI sobre a possibilidade da Confederação redigir um documento de apoio à regulamentação profissional do designer. O amigo da CNI encaminhou o pedido para a pauta da reunião da Diretoria, mas alertou que nada ia acontecer. E explicou que se houvesse a regulamentação da profissão do designer, ocorreria uma “série de empregos e obrigações trabalhistas. O empresário não quer isso e, além demais, o governo federal também não quer”.²⁰⁵ Segundo Lucy Niemeyer, a resposta da CNI foi que “isso é absolutamente contra os interesses de nossos federados”.²⁰⁶ A visão política descrita provavelmente era a mesma de alguns parlamentares do Congresso Nacional e contribuiu para as dificuldades para a aprovação da regulamentação nos anos 1990.

Em janeiro de 1991, houve uma rearticulação parcial da Diretoria e algumas atividades foram retomadas. As primeiras medidas visavam o retorno da cobrança de mensalidade de sócios em atraso. Porém, Humberto Costa afirma que as medidas não surtiram muito efeito.²⁰⁷

Poucas atividades parecem ter ocorrido no período. A APDI promoveu um curso de caligrafia, em março de 1991, no IAB, ministrado por Solange Coutinho, da UFPE. Solange Coutinho foi trazida por Humberto Costa, e ela organizou o curso²⁰⁸ que teve um bom número inscritos, mas não foi o suficiente para estimular uma continuidade de atividades culturais da APDI-RJ. Após o curso de caligrafia, Humberto aceita convite de João Roberto Nascimento Peixe para voltar para Recife e ser seu sócio no escritório Multi Programação Visual.

A Diretoria parece ter novamente se desarticulado em meados de 1991. Em 16 de setembro de 1991 é realizado um encontro dos sócios, convocado pela presidente da APDI, para apresentação de chapas para uma nova Diretoria. No

204 *Id.Ibid.*

205 *Ibidem.*

206 *Ibidem.*

207 Entrevista realizada com Humberto Costa. *Op.Cit.* 2004. Os valores seriam fixos até abril de 1991, quando seria avaliada a possibilidade de reajuste. INFORMATIVO 01.91. *Op.Cit.* 1991. A taxa de matrícula para novos associados foi fixada em CR\$ 1.050,00 e as mensalidades voltariam a ser cobradas a partir de fevereiro de 1991.

208 Entrevista realizada com Humberto Costa. *Op.Cit.* 2004. Humberto lembra que, além dele, Lucy, Luiz Cláudio Barros e Carlos E. Valente estavam presentes nesta tentativa de rearticulação.

entanto, não ocorre a formação de chapas e a eleição é adiada.

4.2.3 EPÍLOGO: 1992, A RENOVAÇÃO QUE NÃO SE CONCLUIU

Ao final da gestão, a Diretoria de 1989/1991 estava desmobilizada e sem qualquer representatividade. Lucy Niemeyer decidiu, em 1992, convocar sócios para a formação de chapas. Para garantir que houvesse pelo menos uma chapa, convidou recém-formados que há pouco tempo tinham organizado a Semana Carioca de Design.²⁰⁹ Esse evento foi promovido e organizado por estudantes dos cursos de design do Rio de Janeiro, e realizado de 9 a 15 de novembro de 1991 nas dependências da estação do Metrô do Largo da Carioca. A Semana Carioca de Design foi composta de uma exposição de profissionais de design e de palestras e grupos de trabalhos realizadas na própria estação do Metrô.

O evento conseguiu mobilizar centenas de estudantes do Rio de Janeiro e contou com a participação dos escritórios de design e com o patrocínio do BANERJ e da Petrobras.²¹⁰ A APDI-RJ não participou da organização, mas apoiou o evento e cedeu o cadastro de profissionais e escritórios para os organizadores da Semana Carioca.²¹¹

A Semana Carioca de Design nasceu de uma mobilização dos estudantes do Rio de Janeiro após a realização do 1º N-Design, em 1991.²¹² Cláudia Mourthé esclarece que já havia alunos do Rio de Janeiro presentes na mobilização estudantil de 1990, que decidiu a realização do N-Design de Curitiba.²¹³ A maior delegação de estudantes do Brasil que foi a Curitiba, em 1991, foi a do Rio de Janeiro. Nela estavam presentes estudantes de todos os cursos de design da cidade carioca.²¹⁴

Depois da realização do N-Design, um grupo formado por cerca de 20 estudantes das cinco escolas de design do Rio de Janeiro passou a se reunir perio-

209 Entrevista realizada com Lucy Niemeyer. *Op.Cit.* 2003.

210 Dados sobre o evento podem ser encontrados em MOURTHÉ, Claudia. Há dez anos: Semana carioca de design. *Revista DESIGNE*. Rio de Janeiro: UNIVERCidade, n. 3, outubro de 2001. p. 50-56. Inscreveram-se no evento 420 estudantes.

211 Entrevista realizada com Cláudia Mourthé, em 01 de julho de 2004, na cidade do Rio de Janeiro, com 45 minutos de duração.

212 *Id.Ibid.*

213 Entrevista realizada com Cláudia Mourthé. *Op.Cit.* 2004. Cláudia destaca neste momento a atuação de Jorge Lopes, Marcelo Gonzaga e Flávio de Carvalho, todos da UFRJ.

214 *Ibidem*. Claudia Mourthé calcula que mais de 300 alunos da cidade do Rio de Janeiro compareceram ao 1º N-Design.

dicamente.²¹⁵ O objetivo era promover a divulgação da profissão e, por meio da união, procurar descobrir como estava o mercado de trabalho e quais seriam os modos de “sobrevivência como futuros profissionais”.²¹⁶ É desse movimento que nasce a ideia da realização da Semana Carioca de Design.

Cláudia Mourthé afirma que o grupo de estudantes desconhecia o cotidiano da APDI-RJ, mas mantinha contato com Lucy Niemeyer.²¹⁷ Alguns deles se formam em 1991 e, em 1992, são procurados por Lucy para a formação da chapa para a APDI-RJ. Cláudia Mourthé, Mônica Brum e Márcio Oliveira, todos graduados pela Faculdade da Cidade, passam a organizar, junto com Lucy, a tentativa de composição da chapa.

Mourthé acredita que o convite a esse grupo de recém-formados representava um reconhecimento à capacidade de organização e mobilização que os ex-alunos tinham demonstrado na Semana Carioca de Design. Os motivos para aceitarem, inicialmente, a participação na chapa para a Diretoria da APDI seriam: ter um instrumento legal e “sério” para continuar a divulgação da profissão para a sociedade, conhecer o mercado de trabalho e usar a APDI para melhorar a inserção do profissional nesse mercado.²¹⁸ Além disso, os recém-formados estavam entusiasmados com o sucesso da Semana Carioca de Design e consideravam que tinham tempo disponível para se dedicar a Associação que, na época, estava com falta de profissionais para assumir suas atividades institucionais.

No encontro feito no IAB, em setembro de 1992, compareceram profissionais ‘antigos’ na Associação e os novos candidatos.²¹⁹ Como eram, na maioria, jovens profissionais, José Carlos Conceição ofereceu sua casa para as primeiras

215 *Ibidem*. As reuniões foram feitas na PUC-Rio. A liderança do evento foi exercida por Dani Ribas, Daniela Seda, Marcelo Gonzaga, Jorge Lopes, Flávio Carvalho, Rafaela Wiedemann, Cláudio Leal, Daniel Maia, Mônica Brum, Márcio Oliveira, Paola Rossi, Maria Elisa Flores (única representante da ESDI), Guilherme Almeida, Alexandre Griffoni, Regina Santos e Gustavo Toledo.

216 Entrevista realizada com Cláudia Mourthé. *Op.Cit.* 2004. p. 56. Cláudia aproveitou o fato de seu pai ser, em 1991, o presidente do Metrô do Rio de Janeiro, para sediar o evento.

217 Cláudia Mourthé foi aluna de Lucy Niemeyer, na Faculdade da Cidade. Lucy Niemeyer apoiou o evento e auxiliou nos contatos com os palestrantes para o evento.

218 Entrevista realizada com Cláudia Mourthé. *Op.Cit.* 2004.

219 Um folheto enviado em 27 de agosto de 1992, pela APDI, convocava os sócios para uma reunião no dia 2 de setembro, no auditório do IAB, para discutir a eleição para uma nova Diretoria. Cláudia Mourthé acredita que esta foi a data em que se discutiu, em reunião aberta, a proposta de formação de chapa. Entrevista realizada com Cláudia Mourthé. *Op.Cit.* 2004.

reuniões e uma ajuda pessoal para discutir a plataforma da chapa a ser montada. Lucy não compareceu às reuniões na casa de José Carlos Conceição.²²⁰

Pouco tempo depois, Lucy diz que foi procurada pelos recém-formados que lhe comunicaram a desistência de se candidatarem para a Diretoria da APDI. Segundo Lucy, os jovens designers alegaram que, nas reuniões na casa de José Carlos Conceição, eles tinham percebido que o trabalho era mais sério e “complicado” do que imaginavam.

Cláudia Mourthé explica que os jovens designers constataram que os veteranos profissionais, com quem se reuniram para reerguer a APDI, possuíam “diferenças de objetivos” em relação à Associação. As necessidades das gerações de profissionais em relação ao mercado de trabalho e aos rumos da APDI eram diferentes. O grupo de novos profissionais considerou que a Associação possuía definidos seu modelo de entidade, as normas de funcionamento que restringiriam o modo de agir e a própria mentalidade que tinham consolidado na organização do evento no Metrô.²²¹

A liberdade de movimentação e organização do grupo independente seria restringida por normas e diretrizes da entidade e por outros grupos de profissionais que possuíam outros interesses. Cláudia Mourthé lembra que os recém-formados não estavam recebendo um espaço e uma Associação estruturados que facilitasse a realização de suas atividades. Eles teriam “que fazer tudo”, ou seja, recomeçar do zero, pois o que tinham disponíveis eram uma “sigla e um estatuto”.²²²

Mourthé reconhece a importância que a Associação tinha como possibilidade de ação coletiva. Mas os interesses e visões entre gerações eram distintos. A geração de “veteranos” pretendia se consolidar no mercado que tinha conquistado. A geração de “novos” se organizou independentemente da APDI e formou uma visão própria de como se inserir no mercado e de como divulgar a profissão. Some-se a isso o fato de que, para muitos recém-formados, a possibilidade inicial de trabalho seria atuar como assalariado nos escritórios da antiga geração, onde se encontrariam em situação de subordinados. É essa mesma situação que não queriam que se repetisse na ação coletiva fora do horário de

220 Entrevista realizada com Lucy Niemeyer. *Op.Cit.* 2003.

221 Cláudia lembra que os recém-formados, que articulavam a chapa na APDI, ainda estavam se reunindo com o grupo que havia organizado a Semana. Vários membros do grupo eram estudantes em 1992. O grupo se reuniu para discutir sua participação na APDI e não havia unanimidade de opiniões a respeito dessa participação. Entrevista realizada com Cláudia Mourthé. *Op.Cit.* 2004.

222 *Ibidem.*

trabalho.²²³ A APDI tinha sido gerada e mantida por gerações anteriores e era associada, em boa parte, a profissionais consolidados no mercado que seriam os possíveis padrões dos recém-formados.

Os novos profissionais consideravam que a APDI deveria continuar existindo e deveria cumprir seu papel institucional na cidade do Rio de Janeiro. Porém, para evitar possíveis conflitos de interesses e manter a independência do grupo formado na Semana Carioca, o grupo de novos decidiu não participar da montagem da chapa para a APDI e deixar a Associação para ser reestruturada pelas gerações anteriores de profissionais.

Lucy acredita que a falta de experiência e o senso de responsabilidade sobre o que era assumir a direção da APDI fizeram com que os integrantes da chapa desistissem. Lucy afirma que uma nova assembleia foi convocada para a formação de chapas, mas como não apareceu “ninguém”, “a Associação morre”.²²⁴

Lucy Niemeyer avalia que se sentiu culpada por “não ter sabido montar” a chapa de modo apropriado. E, com o mesmo sentimento, avalia a adesão que fez a chapa ‘pronta’ que lhe foi entregue para liderar, em 1989. Por fim, Lucy narrou o desconforto que sentiu nas vezes que foi contatada, posteriormente, por pessoas ou instituições que ainda a consideravam presidente de uma Associação profissional em atividade.²²⁵ Essa situação, na qual a Diretoria de uma entidade profissional fica reduzida a somente uma pessoa, seria contra seus princípios. Era justamente essa condição, que criticava tanto em outras entidades, que acabou se repetindo na APDI.²²⁶ Só com o passar do tempo é que Lucy Niemeyer deixou de ser lembrada como a última presidente eleita da APDI.

A Associação não foi encerrada formalmente, conforme previa seu Estatuto. Mas por desarticulação e abandono, chegava ao fim a primeira Associação de caráter pré-sindical e estadual de design do Brasil. A APDINS-RJ legalmente ainda existente e de fato inexistente no cenário do campo profissional do Rio de Janeiro, persiste na memória daqueles que nela exercitaram suas esperanças e ideias sobre uma profissão que insistia em se declarar como ‘nova’.²²⁷

223 Cláudia Mourthé chegou a usar a expressão “não queríamos receber ordens”, para ilustrar o sentimento que norteou a visão do grupo de recém-formados que estudava a formação da chapa para a APDI. Entrevista realizada com Cláudia Mourthé. *Op.Cit.* 2004.

224 *Id.Ibid.*

225 *Ibidem.*

226 Esta posição é, inclusive, a base de sua análise e crítica a algumas associações, como a AND-BR, que Lucy desenvolve em seu artigo de 1999.

227 O termo ‘profissão nova’ foi usado em discursos nos anos 1980 para justificar o desconhecimento sobre as atribuições do desenhista industrial pela sociedade brasileira. No

JORNAL DA APDINS-RJ n. 4 de 1982, na página 2, a profissão é classificada como “recente e frágil”. Em 1985, em uma pesquisa sobre seu ensino, o design foi considerado “área de conhecimento de formação acadêmica relativamente nova”. (Cf. WITTER, 1985).